



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**  
**MARIELI FLORENTINO LINO**

**TRABALHO DE FACE DE LACIE POUND EM *QUEDA LIVRE*:  
ABORDAGEM PRAGMÁTICO-COGNITIVO-COMPORTAMENTAL**

**Tubarão**  
**2023**



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**  
**MARIELI FLORENTINO LINO**

**TRABALHO DE FASE DE LACIE POUND EM *QUEDA LIVRE*:  
ABORDAGEM PRAGMÁTICO-COGNITIVO-COMPORTAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Prof. Dr. Fábio José Rauen (Orientador)

Tubarão

2023

L73 Lino, Marieli Florentino, 1997-  
Trabalho de face de Lacie Pound em Queda livre : abordagem  
pragmático-cognitivo-comportamental / Marieli Florentino Lino. –  
2023.  
88 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina,  
Pós-graduação em Ciências da Linguagem.  
Orientação: Prof. Dr. Fábio José Rauen

1. Trabalho de face. 2. Conciliação de Metas. 3. Relevância. 4.  
Terapia Cognitivo-Comportamental. I. Rauen, Fábio José, 1965-. II.  
Universidade do Sul de Santa Catarina. III. Título.

CDD (21. ed.) 401.41

**MARIELI FLORENTINO LINO**

**“TRABALHO DE FACE DE LACIE POUND EM QUEDA LIVRE: ABORDAGEM PRAGMÁTICO-  
COGNITIVO-COMPORTAMENTAL”**

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 27 de julho de 2023.



Professor e orientador Fábio José Rauem, Doutor.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

*presente por videoconferência*

---

Professora Andréia da Silva Bez, Doutora.  
Instituto Federal Catarinense

*presente por videoconferência*

---

Professora Suelen Francez Machado Luciano, Doutora.  
Faculdade SENAC

*presente por videoconferência*

---

Professora Juliana da Silveira, Doutora.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

À minha família humana e felina.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Maria e Valdir, pelo apoio incondicional ao longo da minha trajetória acadêmica e por nunca deixarem me faltar nada. Sou eternamente grata por todo o suporte que me proporcionaram, permitindo que eu me concentrasse na minha carreira e me tornasse quem eu sou hoje.

À minha irmã, Vanessa, que foi um exemplo inspirador nos estudos. O seu amor pela área da educação e sua dedicação profissional foram os fatores que me motivaram a sempre estudar.

Ao meu companheiro, pelo incentivo a ingressar neste Mestrado. Nos últimos dias da seleção, foram as suas palavras que me impulsionaram a tentar e conquistar a aprovação.

Ao meu orientador, Fábio Rauen, pelo papel fundamental que desempenhou, acreditando no meu potencial e nas ideias que deram como fruto o presente trabalho. Suas orientações foram essenciais para o meu processo de escrita.

A todos os docentes do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, pelo compartilhamento de conhecimentos nas aulas que abriram uma oportunidade de enxergar as coisas de modo diferente.

A todos aqueles que foram meus professores e que de alguma forma contribuíram para eu me tornar uma pesquisadora.

Ao Programa PROSUC da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos que financiou o meu Mestrado.

A todos, minha imensa gratidão.

“Atributos aprovados e sua relação com a fachada [face] fazem de cada homem seu próprio carcereiro; esta é uma coerção social fundamental, ainda que os homens possam gostar de suas celas” (Goffman, 2011, p. 18).

## RESUMO

Neste estudo, analisou-se o trabalho de face da personagem Lacie Pound no episódio *Queda livre* da série *Black Mirror*. Para isso, do ponto de vista epistemológico, mobilizaram-se os conceitos de trabalho de face de Goffman (1967, 2011) e de face positiva e negativa de Brown e Levinson (1987) no campo da pragmática; e, no campo da psicologia, os conceitos da terapia cognitivo-comportamental de Aaron Beck (1963, 1964) e Judith Beck (2022). Posto isso, os comportamentos da protagonista foram analisados a partir dos aparatos descritivo-explanatórios das teorias de conciliação de metas de Rauen (2014) e de relevância de Sperber e Wilson (1986, 1995), buscando compreender como seus planos de ação intencionais foram progressivamente (hetero)inconciliados diante de obstáculos objetivos à sua participação como madrinha no casamento de sua amiga Naomi. Em síntese, investigou-se como essas inconciliações promoveram consequências em suas cognições ao fornecerem sucessivas evidências em direção à impossibilidade de atingir a sua meta de viver em um condomínio de luxo. A análise sugere que o trabalho de face positiva de Lacie foi minado pelas repetidas inconciliações ao longo de sua jornada, favorecendo a emergência de comportamentos que, embora contraditórios com sua meta, sugerem ter levado a personagem a tomar consciência de seu direito a não ser compelida a agradar os outros (face negativa), mesmo no contexto opressivo do aplicativo de rede social onipresente na sociedade distópica desse episódio.

Palavras-chave: Trabalho de face. Conciliação de Metas. Relevância. Terapia Cognitivo-Comportamental. Black Mirror.

## ABSTRACT

In this study, we analyze the facework of the character Lacie Pound in the *Black Mirror* series' episode *Nosedive*. To address these processes, we utilized Goffman's (1967; 2011) concept of facework from a pragmatic standpoint, in conjunction with Brown and Levinson's (1987) ideas concerning positive and negative face. Furthermore, we delve into the psychological domain by examining the cognitive-behavioral therapy principles proposed by Aaron Beck (1963, 1964) and Judith Beck (2022). In our analysis of the protagonist's actions, we apply Rauen's (2014) theory of goal-conciliation and Sperber and Wilson's (1986, 1995) relevance theory to understand how her plans of intentional action were progressively hindered by objective obstacles, ultimately impacting her capacity to fulfill her role as a maid of honor at her friend Naomi's wedding. In essence, we investigate how these hindrances impacted Lacie's cognition, presenting a series of evidence that highlights the unattainability of her aspiration to live in a luxury condominium. The findings suggest a consistent erosion of Lacie's positive facework, which gave rise to behaviors that, despite conflicting with her objective, showcase her recognition of the right to defy her conformity to external expectations (negative face). This recognition is particularly notable within the oppressive context of a pervasive social networking application in the dystopian society of the episode.

Keywords: Facework. Goal-Conciliation. Relevance. Cognitive-Behavioral Therapy. Black Mirror.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Acesso à rede social em <i>Queda Livre</i> .....	13
Figura 2 – Visualização do sistema de pontuação em <i>Queda Livre</i> .....	14
Figura 3 – Lacie Pound ensaiando sorrisos e risadas em frente do espelho .....	16
Figura 4 – Modelo cognitivo .....	22
Figura 5 – Distorções cognitivas .....	25
Figura 6 – Tríade cognitiva .....	29
Figura 7 – Lacie visitando a casa.....	32
Figura 8 – Modelo cognitivo I de Lacie Pound .....	33
Figura 9 – Lacie interage com a corretora de imóveis .....	33
Figura 10 – Interpretação do enunciado “não tem” .....	42
Figura 11 – Interpretação do enunciado “você precisa ter por volta de 4 e meio” .....	43
Figura 12 – Arquitetura descritivo-explanatória da teoria de conciliação de metas .....	45
Figura 13 – Possibilidades de consecução de metas .....	50
Figura 14 – Possibilidades de consecução de planos de ação intencional .....	50
Figura 15 – Esquema básico para auto e heteroconciliação de metas .....	52
Figura 16 – Heurística de interpretação enquanto plano de ação intencional .....	53
Figura 17 – Primeira versão do plano de ação intencional de Lacie .....	54
Figura 18 – Segunda versão do plano de ação intencional de Lacie .....	54
Figura 19 – Naomi avalia positivamente a foto do Rabicho .....	55
Figura 20 – Terceira versão do plano de ação intencional de Lacie.....	55
Figura 21 – Diagrama de conceitualização cognitiva de Lacie Pound.....	57
Figura 22 – Interação entre Ryan e Lacie.....	60
Figura 23 – Lacie consulta o <i>coaching</i> em rede social.....	60
Figura 24 – Lista de convidados do casamento de Naomi .....	62
Figura 25 – Plano de ação intencional de Lacie .....	63
Figura 26 – Lacie e Ryan discutem .....	64
Figura 27 – Lacie e motorista de aplicativo .....	65
Figura 28 – Primeiro (sub)plano de ação intencional de Lacie .....	65
Figura 29 – Interação entre Lacie com a atendente do <i>check in</i> do aeroporto .....	66
Figura 30 – Resultado do primeiro (sub)plano de ação intencional de Lacie .....	66
Figura 31 – Interação de Lacie com o segurança do aeroporto .....	67

Figura 32 – Primeiro plano de ação intencional contingencial de Lacie.....	67
Figura 33 – Segundo (sub)plano de ação intencional de Lacie .....	67
Figura 34 – Interação de Lacie com o atendente do posto de abastecimento.....	68
Figura 35 – Resultado do segundo (sub)plano de ação intencional de Lacie.....	68
Figura 36 – Segundo plano de ação intencional contingencial de Lacie.....	69
Figura 37 – Interação de Lacie com a caminhoneira Susan .....	69
Figura 38 – Lacie visita o perfil de Naomi na rede social.....	71
Figura 39 – Terceiro (sub)plano de ação intencional de Lacie.....	72
Figura 40 – Resultado do terceiro (sub)plano de ação intencional de Lacie.....	72
Figura 41 – Modelo cognitivo II de Lacie Pound.....	74
Figura 42 – Lacie bebendo uísque à beira da estrada.....	76
Figura 43 – Terceiro plano de ação intencional contingencial de Lacie .....	76
Figura 44 – Quarto (sub)plano de ação intencional de Lacie .....	77
Figura 45 – Resultado do quarto (sub)plano de ação intencional de Lacie.....	77
Figura 46 – Lacie ultrapassa de modo imprudente vários veículos.....	77
Figura 47 – Participação de Lacie no casamento de Naomi.....	78
Figura 48 – Resultado do plano de ação intencional de Lacie .....	79
Figura 49 – Face positiva versus face negativa .....	80
Figura 50 – Lacie se encanta com poeiras em suspensão na cela de prisão .....	81
Figura 51 – Interação de Lacie com o homem na prisão.....	81

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>20</b>
2.1	TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL .....	20
2.1.1	<b>Modelo cognitivo .....</b>	<b>21</b>
2.1.2	<b>Pensamentos automáticos.....</b>	<b>23</b>
2.1.3	<b>Crenças intermediárias.....</b>	<b>26</b>
2.1.4	<b>Crenças centrais .....</b>	<b>27</b>
2.1.5	<b>Trabalho de face.....</b>	<b>29</b>
2.1.6	<b>Mobilizando os conceitos .....</b>	<b>31</b>
2.2	TEORIA DA RELEVÂNCIA.....	34
2.2.1	<b>Comunicação ostensivo-inferencial .....</b>	<b>37</b>
2.2.2	<b>Mecanismo dedutivo .....</b>	<b>40</b>
2.2.3	<b>Mobilizando os conceitos .....</b>	<b>42</b>
2.3	TEORIA DE CONCILIAÇÃO DE METAS .....	44
2.3.1	<b>Modelando a cena da corretora em quatro estágios .....</b>	<b>45</b>
2.3.2	<b>Conciliação de metas e confirmação de hipóteses .....</b>	<b>49</b>
2.3.3	<b>Heteroconciliações de metas.....</b>	<b>52</b>
2.3.4	<b>Mobilizando os conceitos .....</b>	<b>53</b>
<b>3</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>56</b>
3.1	PROCEDIMENTOS .....	56
3.2	ANÁLISE DO EPISÓDIO .....	61
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>82</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>85</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os seres humanos adentraram efetivamente na era digital quando os recursos tecnológicos e informáticos atingiram diferentes camadas sociais em todo o mundo (Barros, 2022). O surgimento da internet é um dos principais fatores que contribuíram para esse fenômeno, com sua expansão global a partir da década de 1990 (Castells, 2003) e alcance de cerca de 65% da população mundial (Statista, 2023).

A internet viabilizou espaços de formação de redes, sendo as comunidades virtuais os primeiros agrupamentos desse tipo no ciberespaço (Castells, 2003). A conexão mundial em rede mudou a forma de organização desses ambientes, reunindo mais usuários e ampliando trocas de informações, incluindo “práticas que podem não apenas informar, mas também desinformar, distorcer e deformar” (Barros, 2022, n. p.).

Recuero (2009) define uma rede social como um conjunto formado por dois elementos basilares: os atores (pessoas, instituições ou grupos), considerados os nós da rede, e suas conexões (interações ou laços sociais). Para ela, as redes são vivas e dinâmicas, sofrendo constantes transformações influenciadas pelas interações de seus atores ao longo do tempo.

Redes sociais como *Facebook*, *Youtube*, *WhatsApp* e *Instagram* são suportadas por uma variedade de dispositivos eletrônicos, e as pessoas podem frequentá-las para uma ampla gama de propósitos, entre os quais curtir, seguir, reagir, postar, compartilhar, comentar, enviar e excluir. Além disso, apresentam características e regras de conduta próprias, que são aceitas quando o usuário concorda com os “termos de uso”.

As redes sociais já alcançaram cerca de 60% da população global (Statista, 2023). Conforme Barros (2022), as tecnologias afetam todas as dimensões da vida humana, alterando modos de pensar, sentir e agir. Para o autor, a tecnologia implica novos padrões de sociabilidade, pois, ao mesmo tempo em que os seres humanos a produzem, modificam-se neste processo.

Para Recuero (2009), a internet e as suas tecnologias associadas como as redes sociais, ultrapassando fronteiras espaço-temporais, geraram alterações na interação de seres humanos com seu entorno, nem todas benéficas. Por exemplo, o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) elenca, no capítulo *Condições para Estudos Posteriores*, o Transtorno do Jogo pela Internet caracterizado pelo “uso persistente e recorrente da internet para envolver-se em jogos” (APA, 2014, p. 795). Outras condições psíquicas como dependência de internet (Young; Abreu, 2011) vêm sendo estudadas em paralelo. A título de

exemplo, entre os estudos que exploraram a temática pelo viés da terapia cognitiva podem ser citados os de Almeida (2020)<sup>1</sup>, Morris (2011)<sup>2</sup> e Lemos, Abreu e Sougey<sup>3</sup> (2014).

Não sem razão, efeitos das tecnologias inspiram a produção audiovisual. Entre os projetos que tomam essa questão como mote, destaca-se a série *Black Mirror* (Espelho Negro, numa tradução livre), cujos enredos dos episódios são exclusivamente centrados nesse tema. Entre os episódios da série, vale destacar *Queda Livre* (*Nosedive*, no original em inglês). Nesse episódio, a personagem principal Lacie Pound se move numa sociedade distópica<sup>4</sup> cujos valores são fundamentados em avaliações em um aplicativo de rede social ubíquo e onipresente. Em função disso, o episódio fornece uma oportunidade para pensar como as redes sociais impactam os seres humanos no mundo objetivo. Afinal de contas, embora a internet não se limite ao uso de redes sociais, essas plataformas são espaços privilegiados para análise das interações humanas no ciberespaço.

*Black Mirror*, cujo primeiro episódio foi lançado em 2011, é uma série britânica criada pelo roteirista e produtor Charlie Brooker. Antes da *Netflix* adquirir seus direitos autorais em 2015, a série foi veiculada pelo *Channel 4* do Reino Unido. Atualmente, a série é catalogada no site da plataforma no gênero “drama” e indicada para maiores de 18 anos<sup>5</sup>.

Até o presente momento, foram lançadas seis temporadas de *Black Mirror*: 2011, 2013, 2016, 2017, 2019 e 2023. Além das temporadas regulares, houve dois episódios especiais: *White Christmas* (2014) e *Bandersnatch* (2018). Em comum, as temporadas regulares da série e os episódios especiais caracterizam-se por não estarem interligados. Em outras palavras, cada episódio conta uma história distinta com personagens diferentes em enredos em que se destacam efeitos das tecnologias em sociedades distópicas.

Conforme a sinopse fornecida pela *Netflix*, “as histórias bizarras” de *Black Mirror* “não têm limite nesta série antológica que revela o pior da humanidade, suas maiores invenções e muito mais”. O nome da série e a imagem de abertura contendo um espelho quebrado fazem alusão às telas digitais.

*Black Mirror* já conquistou seis prêmios no *International Emmy Awards*, incluindo dois prêmios de melhor filme para TV ou minissérie de TV (em 2012, pelo episódio

---

<sup>1</sup> Sobre o impacto do uso das redes sociais no fortalecimento de crenças disfuncionais em jovens.

<sup>2</sup> Sobre a relação entre o uso da internet e manifestação de distorções cognitivas.

<sup>3</sup> Sobre a terapia cognitivo-comportamental como tratamento para dependência de internet e de jogos eletrônicos.

<sup>4</sup> Entre as definições de ‘distopia’ do dicionário Michaelis, obtém-se “qualquer descrição imaginativa de um país, de uma sociedade ou de uma realidade em que se vive em condições de extrema opressão ou em regime totalitário, por oposição à utopia” (Distopia, 2023).

<sup>5</sup> Para mais informações, acesse o site: <https://www.netflix.com/br/title/70264888>.

*USS Callister*, e em 2016, pelo episódio *San Junipero*). *Queda Livre*, por sua vez, levou à indicação da atriz Bryce Dallas Howard no *Screen Actors Guild Award* por sua atuação como Lacie Pound. Nos termos da *Netflix*, “uma mulher desesperada para ser notada nas mídias sociais” que “acha que tirou a sorte grande ao ser convidada para um casamento luxuoso”.

Dirigido por Joe Wright, e escrito por Michael Schur e Rashida Jones, *Queda Livre* é o primeiro episódio da terceira temporada. Com duração aproximada de 63 minutos, estreou na *Netflix* em 21 de outubro de 2016. Neste episódio, Lacie Pound vive em uma sociedade mediada por uma tecnologia nos moldes de uma rede social. Essa rede social não é nominada ao longo da trama, como se já fizesse parte natural da vida das personagens. Certo é que as pessoas estão conectadas ao sistema 24 horas por dia. Como se descobre somente no final do episódio, os indivíduos podem ser desconectados dessa tecnologia quando infringem o sistema. Não é possível saber, contudo, se essa exclusão da rede social é temporária ou permanente.

Além disso, vale destacar que todas as personagens são adultos. Exceto cenas com fotos de infância de Lacie e de sua amiga Naomi, nenhuma outra criança ou adolescente aparece no episódio. Assim, não é possível saber quando as pessoas se conectam à rede.

A conexão *on-line* com a rede social é possível a partir da utilização de lentes de contato especiais que espelham as imagens das telas diretamente para o campo de visão dos usuários. Isto funciona como uma extensão dos aparelhos digitais presentes na série, que são semelhantes a *smartphones* e computadores do mundo objetivo (figura 1).

Figura 1 – Acesso à rede social em *Queda Livre*



Fonte: *Queda Livre* (2016).

O episódio destaca o sistema de estrelas (ou pontos) que medeia as relações sociais em todas esferas e setores da sociedade. Com este sistema, as pessoas atribuem notas umas às outras, seja de forma pública, seja de forma anônima, em cada interação física/virtual ou publicação na rede social. Embora a escala de notas vá até o máximo de 5 estrelas, a média de cada usuário é calculada levando em consideração o histórico de suas notas, de modo que ninguém apareça com um perfil máximo de 5 estrelas.

O sistema de média das notas gera uma estratificação social semelhante à de classes sociais. Assim, pessoas com notas superiores (4.5 ou mais) são consideradas influentes, bem-sucedidas e acessam serviços exclusivos. Ademais, suas avaliações têm maior impacto sobre a média dos demais usuários. Em contraposição, pessoas com notas inferiores têm acesso a piores empregos, moradias, veículos etc.

Em síntese, a média dos usuários define emprego, local de moradia, produtos a consumir, ambientes a frequentar, pessoas com quem se relacionar intimamente e, aquilo que interessa para esta dissertação, a própria imagem pública. Dado que, ao olhar para cada indivíduo, o usuário é instantaneamente informado de sua média na rede social, as pessoas são constantemente etiquetadas conforme esse parâmetro (figura 2).

Figura 2 – Visualização do sistema de pontuação em *Queda Livre*



Fonte: Queda Livre (2016).

Sistemas de pontuação não são novidades. Eles existem em sites de compras, de entregas, de viagens etc. para que os usuários avaliem suas experiências de consumo. Nas redes sociais, embora não exista um sistema de notas, muitos botões funcionam como uma forma de avaliar a satisfação diante das publicações de outrem. Segue-se disso que usuários frequentemente compartilham conteúdo para agradar seu público no intuito de obter curtidas e seguidores, com notório destaque àqueles que são ou estão no caminho para se tornarem “influenciadores digitais” (Barros, 2022). Em casos extremos, usuários desafiam limites físicos e mentais para produzir postagens que chamem atenção.

A autoimagem que os indivíduos mostram nas redes, porém, pode não refletir suas realidades íntimas, pois é possível selecionar cuidadosamente que publicações postar, editando-as para evidenciar melhores ângulos e momentos. Isso pode redundar em excessiva preocupação com aparência e uma necessidade perene de exibição de perfeição.

Vale destacar que essa idealização extrapola as relações humanas e invade outras esferas da convivência humana. Por exemplo, os cenários de *Queda Livre* são excessivamente

higienizados; as cores são meticulosamente escolhidas em tons pastéis em que se destacam o rosa e o azul; o vestuário impecavelmente homogêneo.

O papel de *Black Mirror* é explorar graus de similaridade de sociedades distópicas como a de *Queda Livre* com a sociedade real. Para o criador da série, Charlie Brooker, o episódio “é uma sátira à aceitação e à imagem de nós mesmos que gostamos de retratar e projetar para os outros”<sup>6</sup>. E complementa: naquele universo “todo mundo é um pouco tenso e falso porque todo mundo tem medo de ser rebaixado porque as consequências disso são desagradáveis, então é basicamente o mundo que estamos vivendo”<sup>7</sup> (Black Mirror..., 2016). Em outros termos, para Brooker, a criação de uma imagem projetada nas redes é um fenômeno que, de certa forma, já faz parte da realidade.

Postas essas questões, está-se em condições de destacar a questão central deste estudo: a noção de trabalho de face elaborada por Goffman (1967, 2011) e a sua posterior dicotomização em trabalho de face positiva e trabalho de face negativa na teoria de polidez de Brown e Levinson (1987).

A construção de imagens se expressa sobretudo nos perfis das redes sociais. Recuero (2013), a partir do conceito de face de Erving Goffman, estabelece uma ligação entre a “identidade” construída e mantida pelos atores nas redes sociais e as diferentes formas de representação da face. A autora diz que os atores constroem determinadas impressões (face) que desejam exprimir à sua audiência a serem ou não posteriormente legitimadas. A busca por essa legitimação é o que o Goffman chama de “trabalho de face” ou “trabalho de fachada”. Para ele (2011, p. 14), “a fachada [face] é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados”.

A noção de face de Goffman fundamentou os estudos sobre polidez linguística desenvolvidos por Penelope Brown e Stephen Levinson (1987). Sua teoria de polidez busca compreender como o trabalho de face pode ser usado como artifício para garantir polidez nas relações humanas. Segundo esta teoria, os indivíduos usam faces positiva ou negativa e, para preservá-las, utilizam uma variedade de estratégias universais de polidez.

Em linhas gerais, a *face positiva* refere-se à necessidade de apreço, respeito e valorização. Para preservá-la, o indivíduo projeta traços como prestígio, competência e afabilidade para evitar a perda de *status* social ou para prevenir de ser visto negativamente. A *face negativa*, por sua vez, refere-se à necessidade de autonomia e de liberdade individual.

---

<sup>6</sup> No original: “is a satire on acceptance and the image of ourselves we like to portray and project to others”.

<sup>7</sup> No original: “everyone’s a little bit tightened and false because everyone’s terrified of being marked down because the consequences of that are unpleasant, so it’s basically the world we’re living in”.

Para preservá-la, o indivíduo previne imposições, restrições ou ameaças à sua liberdade de ação ou escolha, evitando situações que possam afetar sua autonomia ou gerar desconforto, como invasões de privacidade ou obrigações indesejadas.

Em *Queda Livre*, Lacie Pound utiliza diversas estratégias para preservar não somente a sua face positiva, mas também a face positiva das demais pessoas. A personagem inicia sua trajetória com uma média de 4.2 na rede social, que lhe garante uma vida relativamente confortável, com emprego, moradia, roupas e alimentação satisfatórios. No entanto, ao rolar pelas redes sociais de seus “amigos”, Lacie demonstra desejo de alcançar algo a mais, embora ainda não saiba precisamente “o quê”.

Durante os primeiros minutos, é possível conhecer a rotina de Lacie, que inclui navegar em sua rede social enquanto faz uma corrida matinal sob o sol nascente em uma rua impecavelmente limpa. Durante o percurso, ela interage com conhecidos e troca avaliações. Para atualizar sua presença virtual, Lacie tira uma *selfie* e a compartilha com outros usuários, além de distribuir mais avaliações.

Depois de banhar-se, Lacie está em frente do espelho, ensaiando risadas e sorrisos para encontros sociais (figura 3). Em seguida, ela se veste com roupas de tons pastéis, arruma o cabelo em rabo de cavalo e se dirige à cozinha/sala, onde conversa com seu irmão Ryan, cuja avaliação é de somente 3.7 pontos. Durante a conversa, desvela-se que Lacie precisa encontrar um novo lugar para morar, já que seu contrato de aluguel terminará em quatro semanas e seu irmão, com quem ela divide o aluguel, morará com outra pessoa.

Figura 3 – Lacie Pound ensaiando sorrisos e risadas em frente do espelho



Fonte: *Queda Livre* (2016).

Lacie segue a uma cafeteria, onde faz um pedido de café e biscoito visualmente apetitosos. Depois de tirar uma foto e de escrever uma legenda elogiosa, ela publica o comentário na rede social. Ela não aprecia o café; mas mantém a postagem mesmo assim. Enquanto se dirige ao trabalho, Lacie se encontra com sua conhecida Bethany no elevador. O diálogo entre elas é superficial, mas sugere que Lacie não está satisfeita com seu emprego. Ao

final da interação, ambas se avaliam positivamente. Chegando ao escritório, ela consulta sua rede social e se surpreende ao ver uma avaliação de 4 estrelas feita por Naomi, uma amiga de infância que está no topo da rede social com 4.8 pontos.

A próxima interação é com seu colega de trabalho Chester. Chester, que teve uma queda em sua média, tenta ser amigável, e Lacie lhe responde da mesma forma. Um colega de trabalho avisa Lacie que ninguém no escritório está mais falando com Chester, e Lacie imediatamente muda sua opinião, concordando com o grupo. Todavia, é tarde demais. A mera interação positiva com Chester lhe rende três avaliações negativas anônimas, porque a atenção que ela havia destinado ao colega desagradara os demais funcionários do escritório<sup>8</sup>.

Em *Queda Livre*, Lacie Pound e os demais constroem imagens de si mesmos e as projetam na rede social. O “virtual” e o “real” se confundem, e as próprias pessoas não sabem mais como diferenciá-los. Virtual e presencialmente, eles são demandados a projetar/trabalhar uma face/fachada positiva, pois autenticidades discordantes são prontamente punidas. Posto isso, o objetivo geral dessa dissertação consiste em analisar o trabalho de face da personagem Lacie Pound no episódio *Queda Livre* da série *Black Mirror*, considerando as condições impostas pelo aplicativo de rede social ubíquo e onipresente dessa sociedade distópica.

Uma vez lançado o objetivo geral e considerando que se quer avançar para as consequências desse modo de operar social nas cognições das personagens (e, ademais, estabelecer pontos de contato com a sociedade do mundo objetivo), pretende-se estabelecer como primeira baliza teórica, naquilo que couber, os fundamentos da terapia cognitivo-comportamental de Aaron Beck (1963, 1964) e Judith Beck (2022).

Antes, contudo, vale justificar a pertinência de analisar obras ficcionais a partir de um aparato descritivo-explanatório dimensionado para a clínica, notadamente quando não é o caso de se acompanhar personagens em tratamento psicológico. Sobre isso, Judith Beck, filha de Aaron Beck e desenvolvedora de suas ideias seminais, recomenda que terapeutas cognitivo-comportamentais treinem processos de conceitualização cognitiva, analisando produções artísticas. Diz a autora (2022, p. 113): “E com frequência é útil praticar, conceitualizando personagens em um filme ou romance”.

O livro *Terapias cognitivo-comportamentais: analisando teoria e prática por meio de filmes*, organizado por Bruno Luiz Avelino Cardoso e Janaína Bianca Barletta (2018) é uma recomendação digna de nota. Nessa coletânea, são propostas análises de obras

---

<sup>8</sup> Essa cena sugere que mesmo atitudes preservadoras da face positiva podem não funcionar nessa sociedade que, como será visto mais adiante, caracteriza-se por ser profundamente cruel com qualquer “desvio de conduta” tomado do ponto de vista de determinado grupo.

cinematográficas, inclusive de *Black Mirror*, sob a perspectiva da terapia cognitivo-comportamental e de teorias correlacionadas. Embora os capítulos apresentem divergências sobre a aplicação da teoria, a coletânea tomada integralmente demonstra a viabilidade de aplicar conceitos da TCC em filmes e séries.

Fundamentalmente, argumenta-se aqui que a terapia cognitivo-comportamental conecta a questão da autoimagem com o conceito de tríade cognitiva. Uma tríade cognitiva é formada pela visão que um indivíduo tem de si mesmo, dos outros ou do mundo e do futuro que afeta a forma como ele interpreta as situações (Beck, A.; Alford, 2000). Em *Queda Livre*, as pessoas são vistas, se veem e são classificadas como superiores, medianas, inferiores, excluídas etc. conforme suas respectivas médias. Nas palavras de Lacie, “é como a porra do mundo funciona” (Queda Livre, 2016, 42:55-42:57).

Dadas as conexões entre o mundo objetivo e a distopia de *Queda Livre*, quer-se instigar entre os psicólogos, especialmente aqueles que trabalham com terapia cognitivo-comportamental, reflexões sobre os desafios resultantes do uso irrefreado da internet e, mais particularmente, das redes sociais<sup>9</sup>. Ao examinar esses temas pela lente da TCC, procura-se fornecer *insights* para profissionais da área num mundo digital em constante transformação. Até que ponto os seres humanos são capazes de projetar e defender faces sociais saudáveis em meio a pressões por serem mais agradáveis e dóceis do que intimamente conseguem, podem ou querem? Lacie consegue fazer isso em todo o episódio? Em que condições?

Como será visto mais adiante, as condições de ajuste a esse modo de ser de *Queda Livre* serão fundamentais para compreender como Lacie navega nesse mundo distópico. Ela precisa mudar de residência e, premida por uma oferta que lhe impõe aumentar sua nota nas redes sociais, elabora um plano para atingir esse objetivo. Orientada por um *coaching* especializado em trabalho de face para a rede social, ela precisa promover ações que concorram como o atingimento desse propósito, o que coloca em pauta a segunda baliza teórica desse estudo.

Conforme a teoria de conciliação de metas de Fábio José Rauen (2014), considerando uma meta *a priori*, os indivíduos podem elaborar planos de ação intencional com as quais projetam uma hipótese abductiva antefactual, a partir da qual, promovendo uma ação antecedente, eles aumentariam a probabilidade de consecução dessa meta consequente.

---

<sup>9</sup> Como será discutido mais adiante nesta dissertação, *Queda Livre* coloca em xeque a noção de funcionalidade. A terapia cognitivo-comportamental enfatiza a influência das cognições disfuncionais no desenvolvimento e manutenção de sintomas patológicos. A classificação de uma cognição nas categorias funcional ou disfuncional depende da análise minuciosa do contexto situacional, inclusive em trocas comunicacionais.

Assim, com base nessa expectativa, eles poriam em marcha essa ação e checariam se as consecuições na esfera objetiva se conciliariam com as expectativas da esfera mental. Assim, do ponto de vista metodológico, este trabalho analisará as ações de Lacie, verificando como a personagem elabora e põe em execução os planos de ação intencional em direção a aumentar sua média na rede social e, desse modo, conquistar o direito de alugar um espaço num condomínio de luxo destinado a clientes *prime*.

Por fim, dado que o aumento da média depende prioritariamente de interações comunicacionais bem-sucedidas, cabe mobilizar do ponto de vista metodológico e em sinergia com a teoria de conciliação de metas, o aparato descritivo-explanatório da teoria de relevância de Dan Sperber e Deirdre Wilson (1986, 1995), terceira baliza teórica. Conforme a teoria de relevância, os processos comunicacionais se caracterizam como ostensivo-inferenciais. Diante de estímulos comunicacionais ostensivos do falante, a audiência os interpreta mobilizando hipóteses inferenciais em ordem de acessibilidade até que o produto desse trabalho cognitivo convirja com sua expectativa de relevância ótima. Assim, as interações comunicacionais de Lacie Pound foram analisadas assumindo a ideia de que todos os enunciados comunicacionais do episódio foram cognitivamente desenvolvidos pelos interlocutores até se tornarem plenamente proposicionais (explicaturas), sempre que necessário; e essas explicaturas serão tomadas como premissas implicadas para a elaboração de implicaturas, sempre que pertinente.

A propósito, vale destacar que a mobilização sinérgica da teoria da relevância e da teoria de conciliação de metas tem viabilizado trabalhos em diversas disciplinas, incluindo a Psicologia. Exemplo disso é a tese de Bez (2016), que aplicou ambas as teorias em um extrato de sessão terapêutica que ilustrava um processo de modificação de uma crença intermediária, a partir da terapia cognitiva, sugerindo aproximações produtivas desses três domínios<sup>10</sup>.

Uma vez apresentadas em linhas gerais as balizas do estudo, esta dissertação foi organizada em mais três capítulos. No capítulo 2, seguindo o desenvolvimento do enredo do episódio, abordam-se as teorias cognitivo-comportamental e a noção de trabalho de face, de relevância e de conciliação de metas com o objetivo de aprofundar os conceitos mobilizados epistemológica e metodologicamente nesta pesquisa. No capítulo 3, analisam-se as aventuras da personagem no decorrer do episódio aplicando-se esses conceitos. Por fim, no capítulo 4, apresenta-se uma síntese da pesquisa.

---

<sup>10</sup> Bez (2016) defendeu a tese de que interações comunicativas desempenham papel crucial na reestruturação de crenças intermediárias. Ela concebeu essas interações como planos de ação intencional mobilizando hipóteses abduativas antefactuais habilitadoras, visando à conciliação empírica colaborativa de metas entre paciente e terapeuta, que enfraqueciam a conexão entre antecedentes e consequentes de pressupostos condicionais disfuncionais, enquanto fortaleciam a conexão de pressupostos condicionais funcionais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo se reserva a apresentar as balizas teóricas que sustentam a análise do episódio. O texto foi organizado em três seções que são destinadas, respectivamente, a noções teóricas relacionadas à terapia cognitivo-comportamental e a noção de trabalho de face, à teoria da relevância e à teoria de conciliação de metas. Em comum, além de apresentar cada uma das noções epistemológicas e metodológicas que serão mobilizadas na análise, aplica-se cada um desses conceitos em excertos selecionados, para promover pontos de ancoragem, a partir dos quais a análise das ações vindouras de Lacie no episódio são consideradas.

### 2.1 TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL

É importante destacar que o termo terapia cognitivo-comportamental engloba uma ampla gama de abordagens psicológicas. As terapias cognitivas e/ou comportamentais se desenvolveram em momentos distintos ao longo da história. Hayes (2004) propôs uma classificação em três ondas ou gerações sucessivas, demarcando períodos de transição nas concepções teóricas. Durante a segunda onda emerge a terapia cognitivo-comportamental (TCC) de Aaron Temkin Beck.

As primeiras formulações da terapia cognitivo-comportamental centravam-se no processamento de informações disfuncionais de transtornos depressivos e de ansiedade (Wright *et al.*, 2019). Posteriormente, esta formulação, que ficou conhecida como modelo cognitivo, foi adaptada ao tratamento de outros transtornos psiquiátricos, problemas psicológicos e problemas médicos com componentes psicológicos (Beck, J., 2022).

A teoria recebeu importantes contribuições de Judith Beck, filha do seu proponente, que continua ampliando o desenvolvimento da teoria e prática da terapia cognitivo-comportamental. Suas publicações são referência para iniciantes e especialistas na área. Um exemplo é o livro *Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática* que chegou a sua terceira edição traduzida para mais de 20 idiomas (Beck Institute, 2022).

A terapia cognitivo-comportamental é uma modalidade de psicoterapia estruturada, educativa, delimitada no tempo, orientada para o presente e que enfatiza a

participação e colaboração ativa (Beck, J., 2022). A TCC tem como foco inicial o papel das cognições no funcionamento do indivíduo. Seus objetivos incluem reestruturar crenças disfuncionais e reavaliar comportamentos desadaptativos para promover uma melhora mais duradoura (Abreu; Guilhardi, 2004).

A conceitualização cognitiva é a chave para entender o funcionamento cognitivo do paciente e, em conjunto com o terapeuta, definir os objetivos para o processo terapêutico. Trata-se de um tratamento individualizado. Diante da conceitualização, o terapeuta escolhe as técnicas, sejam elas cognitivas ou comportamentais, com chances maiores de amenizar o sofrimento do paciente (Beck, J., 2022).

Ainda segundo a autora, a terapia cognitivo-comportamental continua sendo adaptada a diversos contextos, públicos, formatos e condições psicológicas, incorporando métodos e técnicas de outras terapias em seu arcabouço teórico para desenvolver um tratamento acurado de cada paciente, mas mantendo seus pressupostos fundamentais baseados no modelo cognitivo.

### 2.1.1 Modelo cognitivo

A terapia cognitivo-comportamental baseia-se no modelo cognitivo para explicar a origem das cognições disfuncionais, partindo da hipótese de que não são as situações em si que afetam as pessoas, mas o modo como são interpretadas: “a forma como um indivíduo estrutura uma experiência determina sua resposta afetiva a ela”<sup>11</sup> (Beck, A., 1963, p. 332).

Aaron Beck (1976 *apud* Hofmann, 2014, p. 5) esclarece melhor essa noção na forma de um exemplo:

Uma dona de casa ouve uma porta bater. Ela faz várias hipóteses: “Talvez seja Sally voltando da escola”, “Talvez seja um ladrão”, “Talvez tenha sido o vento que fechou a porta com força”. A hipótese escolhida vai depender da consideração dada a todas as circunstâncias relevantes. O processo lógico de testagem da hipótese pode ser perturbado, entretanto, pela carga psicológica da dona de casa. Se seus pensamentos são dominados pelo conceito de perigo, ela pode imediatamente chegar à conclusão de que se trata de um ladrão. Ela faz uma inferência arbitrária. Embora a inferência não seja necessariamente incorreta, ela se baseia sobretudo em processos cognitivos internos em vez de informações reais. Caso fuja e se esconda, ela adia ou negligência a oportunidade de refutar (ou confirmar) a hipótese.

---

<sup>11</sup> No original: “the way an individual structures an experience determines his affective response to it”.

Este exemplo demonstra como um mesmo evento inicial pode estimular respostas diversas, a depender da interpretação. Assim, a avaliação cognitiva do contexto exerce forte influência nas reações desencadeadas. Conforme Aaron Beck (1964, p. 562), “ao conceituar uma determinada situação de vida, composta por uma matriz caleidoscópica de estímulos, um indivíduo tem uma série de alternativas sobre quais aspectos da situação ele extrai e como ele os combina em um padrão coerente”<sup>12</sup>. Deste modo, os indivíduos reagem de maneiras variadas a uma situação complexa específica e podem chegar a conclusões bastante diferentes.

O modelo cognitivo proposto por Judith Beck (2022) pressupõe a interação entre crenças centrais, crenças intermediárias e pensamentos automáticos resultando em reações emocionais, comportamentais e/ou fisiológicas, como apresentado na figura 4. Para Abreu e Guilhardi (2004), o funcionamento cognitivo é composto por esses três níveis, afetando a interpretação dos eventos e, conseqüentemente, o estado emocional do indivíduo.

Figura 4 – Modelo cognitivo



Fonte: Elaborado com base em Judith Beck (2022).

Judith Beck (2022, p. 87) ressalta que as propostas de modelos cognitivos são, às vezes, uma simplificação para explicitar teoricamente a interação entre os componentes, pois “pensamento, humor, comportamento e fisiologia podem afetar uns aos outros”.

No modelo cognitivo, pensamentos (e sua avaliação cognitiva), emoção e comportamento formam um esquema mediado pelo papel central do processamento cognitivo das informações. Segundo Wright *et al.* (2019), esse processamento enfatiza que os seres humanos avaliam a relevância dos estímulos internos e externos (situações estressantes, memórias, sensações fisiológicas, interações comunicativas etc.) e as cognições resultantes, frequentemente, associam-se às reações emocionais.

<sup>12</sup> No original: “in conceptualizing a particular life situation, composed of a kaleidoscopic array of stimuli, an individual has a number of alternatives as to which aspects of the situation he extracts and how he combines these into a coherent pattern”.

Segundo Aaron Beck e Alford (2000, p. 23), a cognição<sup>13</sup> “inclui o processo de identificar e prever relações complexas entre eventos, de modo a facilitar a adaptação a ambientes passíveis de mudança”. Ainda segundo os autores, estão envolvidos na cognição processos dedutivos entre as experiências passadas e a ocorrência de eventos futuros.

Evidentemente, eventos que envolvem, por exemplo, agressão, trauma, acidente e morte são perturbadores para a maioria dos seres humanos. Porém, algumas pessoas, sobretudo aquelas com transtornos mentais, interpretam de modo equivocado essas situações, aumentando a probabilidade de sucederem cognições disfuncionais (Beck, J., 2013).

Além de avaliar a relevância das situações internas e externas, como preconizam Wright *et al.* (2019), os indivíduos atribuem significados às suas experiências, traduzindo em padrões cognitivos que guiam o processamento das informações. Quando esses padrões são repetitivos e inflexíveis, isso os torna “extremamente resistentes à mudança” e, por isso são classificados como disfuncionais (Abreu; Guilhardi, 2004, p. 281). Os padrões cognitivos funcionais ou disfuncionais aparecem em três níveis de funcionamento mental: pensamentos automáticos, crenças intermediárias e crenças centrais.

Iniciando o trabalho pelo reconhecimento, avaliação e reestruturação dos pensamentos automáticos que se encontram mais acessíveis, o terapeuta atua progressivamente na modificação das crenças intermediárias, constituídas de pressupostos condicionais, atitudes e regras, até chegar ao nível das crenças centrais mais fundamentais dos indivíduos. Estes três níveis serão explorados nas próximas subseções.

### 2.1.2 Pensamentos automáticos

Os *pensamentos automáticos* são o nível mais superficial da cognição. Judith Beck (2022) propôs a existência de dois níveis de pensamento que operam simultaneamente: um nível no qual a atenção é dirigida para os estímulos imediatos, exigindo concentração para compreender e assimilar as informações; e um nível constituído por pensamentos específicos sobre a situação em curso, que surgem espontaneamente e são rápidos, breves e avaliativos,

---

<sup>13</sup> Segundo Aaron Beck (1964, p. 562-562, tradução nossa), uma cognição “refere-se a qualquer atividade mental que tenha um conteúdo verbal; portanto, inclui não apenas ideias e julgamentos, mas também autoinstruções, autocríticas ou desejos verbalmente articulados”.

chamados de pensamentos automáticos. Segundo a autora, os pensamentos automáticos são formados por palavras, imagens e/ou lembranças e não estão disponíveis à análise racional em um primeiro momento.

Os pensamentos automáticos são constantes na cognição humana. Wright *et al.* (2019, p. 25) afirmam que “todas as pessoas têm pensamentos automáticos; eles não ocorrem exclusivamente em pessoas com depressão, ansiedade ou outros transtornos emocionais”. Conseqüentemente, esses pensamentos estão conectados a padrões de crenças intermediárias e centrais dos indivíduos (Abreu; Guilhardi, 2004).

Conforme Judith Beck (2022, p. 414), os indivíduos têm inúmeros pensamentos funcionais e disfuncionais por dia, sendo que três tipos de pensamentos disfuncionais são relevantes para o tratamento no processo terapêutico:

- 1) Pensamentos imprecisos que levam a angústia e/ou comportamento maladaptativo (sobretudo aqueles que apresentam obstáculos para a realização dos objetivos).
- 2) Pensamentos acurados, mas inúteis.
- 3) Pensamentos que fazem parte de um processo de pensamento disfuncional, como ruminação, obsessão ou autocrítica.

Os pensamentos automáticos disfuncionais são negativos em geral, salvo quando:

[...] o cliente seja maníaco ou hipomaníaco (“É uma ótima ideia ver como meu carro pode andar rápido”); o cliente tenha traços narcisistas (“Sou superior a todos”); e/ou o cliente esteja se dando permissão para se engajar em comportamento maladaptativo (“Tudo bem beber demais porque todos os meus amigos estão fazendo a mesma coisa”). (Beck, J., 2022, p. 367).

Os padrões de pensamentos automáticos disfuncionais podem formar distorções cognitivas, também chamadas de erros cognitivos, que se encaixam em determinados seguimentos de interpretação a serem generalizados para diversas situações. Na figura 6, apresenta-se uma lista de algumas distorções cognitivas acompanhadas de uma definição e de exemplos construídos pela autora desta dissertação.

No entanto, vale ressaltar que os pensamentos automáticos elaborados podem ser congruentes em determinadas situações: “às vezes, os pensamentos automáticos podem ser logicamente verdadeiros e podem ser uma percepção adequada da realidade da situação” (Wright *et al.*, 2019, p. 25). Diante disso, deve-se analisar todo o contexto antes de classificá-los como disfuncionais.

Figura 5 – Distorções cognitivas

<b>DISTORÇÃO</b>	<b>DEFINIÇÃO</b>	<b>EXEMPLO</b>
<i>Pensamento dicotômico</i>	Você divide as experiências em apenas duas categorias opostas: sucesso ou fracasso, superior ou inferior, perfeito ou defeituoso, amado ou odiado.	Minha amiga tem mais curtidas nas fotos. Sou um fracasso nas redes sociais.
<i>Catastrofização</i>	Você atribui consequências negativas e desproporcionais às experiências e eventos futuros, sem racionalizar outras probabilidades.	Se eu postar essa opinião, vou ser cancelado nas redes sociais e perder tudo que tenho.
<i>Raciocínio emocional</i>	Você toma as reações emocionais intensas como evidências de que os pensamentos automáticos por trás delas são verdadeiros.	Eu me sinto tão insegura quando vejo as fotos perfeitas de outras pessoas nas redes sociais.
<i>Rotulação</i>	Você tem a tendência de atribuir a si, aos outros e as situações, rótulos fixos estereotipados de acordo com a avaliação de apenas uma parcela de comportamentos.	Ele é preconceituoso [com “x” coisa] por ter feito aquela postagem.
<i>Magnificação e minimização</i>	Você, ao avaliar a si, aos outros e as experiências, acaba magnificando o lado negativo e, inversamente, minimizando os atributos positivos.	Eu tive muitos elogios na minha foto, mas isso não significa que sou bonita, apenas usei um filtro.
<i>Leitura mental</i>	Você acredita que os outros estão pensando coisas negativas a seu respeito, sem evidências que corroborem com estas suposições.	Essa pessoa não curtiu minha publicação. Ela não gosta de mim.
<i>Generalização</i>	Você, ao experienciar um evento negativo, estende as consequências deste evento às demais situações que não necessariamente tem relação entre si.	Eu fui muito xingada nos comentários, logo, os meus seguidores são <i>haters</i> .
<i>Personalização</i>	Você atribui para si a culpa da ocorrência dos eventos negativos, desconsiderando explicações alternativas que sejam mais prováveis.	Ele me deu <i>unfollow</i> porque alguma das minhas publicações deve ter o ofendido.
<i>Imperativos (“deveria”)</i>	Você apresenta ideias fixas em termos de como você e os outros deveriam se comportar, e baixa tolerância quando estas expectativas são frustradas.	Todas as <i>influencers</i> são magras, então eu também deveria ser.

Fonte: Elaborado com base em Abreu e Guilhardi (2004), Beck, A. *et al.* (1997), Beck, J. (2022), Hofmann (2014) e Wright *et al.* (2019).

Diversos estímulos internos e externos podem desencadear pensamentos automáticos. São exemplos: cognições (pensamentos em forma de palavras ou imagens, fluxo de pensamentos, lembranças, sonhos etc.), emoções, comportamentos, experiências fisiológicas ou mentais, e demais acontecimentos rotineiros. Na maior parte do tempo, as pessoas não estão cientes dos seus pensamentos automáticos, mas com treinamento podem identificá-los e avaliar a sua acurácia.

Os pensamentos automáticos surgem espontaneamente, passando pela mente de forma rápida e breve. Devido às características dos pensamentos automáticos, por vezes, os pacientes estão mais conscientes da emoção, do comportamento e/ou do estado fisiológico associado ao pensamento automático que o precedeu (Beck, J., 2022).

O terapeuta deve estar atento às pistas verbais (tom, volume e ritmo da voz, uso de palavras etc.) e não verbais (gestos/movimentos faciais e corporais etc.) (Beck, J., 2013) para conseguir identificar as cognições “quentes”. Para Wright *et al.* (2019), pensamentos quentes são aqueles automáticos disfuncionais consonantes com fortes estados emocionais.

Muitas das técnicas de terapia cognitivo-comportamental podem ser utilizadas para identificar cognições<sup>14</sup> disfuncionais, entre elas: psicoeducação, técnicas de imaginário e técnicas de dramatização. No entanto, há outras técnicas dedicadas à identificação das cognições disfuncionais, como o reconhecimento de mudanças de humor angustiantes, padrões comportamentais disfuncionais, estados fisiológicos intensos, temas recorrentes nos pensamentos automáticos e crenças expressas como pensamentos automáticos, além do uso de questionários/inventários de crenças e da aplicação da técnica da seta descendente.

Por vezes, tanto as crenças intermediárias como as crenças centrais são identificáveis por técnicas da terapia cognitivo-comportamental, ou são expressas como pensamentos automáticos, mas diferem desses por não estarem tão acessíveis à consciência.

### 2.1.3 Crenças intermediárias

As *crenças intermediárias* ou *subjacentes* são suposições que o indivíduo manifesta diante das situações com base em pressupostos condicionais, atitudes e regras que podem aparecer como afirmações do tipo “Se..., então...” (Wright *et al.*, 2019).

De acordo com Abreu e Guilhardi (2004), essas suposições são disfuncionais quando não estão diretamente ligadas aos eventos a partir dos quais foram construídas. Além disso, enquanto nível intermediário da cognição, as crenças intermediárias são consideradas mais acessíveis do que as crenças centrais, embora não sejam tão facilmente modificáveis em comparação com os pensamentos automáticos.

---

<sup>14</sup> Aqui, o termo ‘cognição’ inclui pensamentos automáticos e crenças intermediárias e centrais.

Segundo Judith Beck (2022, p. 110), as crenças intermediárias podem servir para proteger o indivíduo de entrar em contato com suas crenças centrais. Elas são frequentemente expressas da seguinte forma:

Se eu [me engajar na estratégia de enfrentamento], então [minha crença nuclear pode não se tornar verdade imediatamente; vou ficar bem no momento]. No entanto, se eu [não me engajar na minha estratégia de enfrentamento], então [minha crença nuclear provavelmente vai se tornar realidade].

As pressuposições são aprendidas e derivam das experiências infantis, das interações com pares, pais e demais familiares, podendo ter sido enunciadas em algum momento. Segundo Aaron Beck *et al.* (1997, p. 179), “durante seu período desenvolvimental, cada indivíduo aprende regras ou fórmulas pelas quais ele busca ‘dar sentido’ ao mundo”. Frequentemente, essas pressuposições estão fundamentadas em regras familiares e podem ser reforçadas culturalmente.

Judith Beck (2022, p. 85) fornece exemplos de crenças intermediárias nas suas diferentes formas de expressão: pressupostos condicionais (“Se eu tentar fazer alguma coisa difícil, vou fracassar. Se eu evitar fazê-la, vai ficar tudo bem.”), atitudes (“É terrível falhar.”) e regras (“Devo desistir se um desafio parecer muito grande.”). O desenvolvimento das crenças intermediárias é influenciado por outro nível de cognição: as crenças centrais.

#### 2.1.4 Crenças centrais

Para fins conceituais, as crenças são classificadas como centrais e intermediárias. Independentemente disso, as crenças compartilham algumas semelhanças, entre elas, a hipótese de como se originam. Judith Beck (2022) supõe que as crenças em geral são produzidas quando as pessoas, influenciadas pela sua predisposição genética, interagem no mundo e com as outras pessoas, gerando certas estruturas de conceitos.

As *crenças centrais* ou *nucleares* são o nível mais profundo da cognição, formado por ideias rígidas sobre si mesmo, os outros e o futuro, que são tomadas como verdades absolutas *a priori* (Beck, J., 2022). Originadas desde a infância a partir das experiências vividas na família, com os outros significativos (amigos, professores, cônjuges etc.) e demais

indivíduos, essas crenças moldam generalizações na forma como a pessoa interpreta as informações advindas dos estímulos internos e externos (Abreu; Guilhardi, 2004).

Para Wright *et al.* (2019), esta função é fundamental no processamento de informações, pois permite que os seres humanos filtrem e selecionem informações, tomem decisões e atribuam significados aos eventos de acordo com determinados padrões cognitivos. Conforme Abreu e Guilhardi (2004), visto que as crenças centrais começam a criar raízes desde as primeiras fases do desenvolvimento, mostrando-se úteis em muitos momentos, elas estão tão arraigadas que podem permanecer como fatos inquestionáveis por muito tempo.

Judith Beck (2022, p. 78) afirma que os “indivíduos bem adaptados possuem de modo preponderante crenças realisticamente positivas na maior parte do tempo” e crenças negativas manifestas ou latentes em proporções manejáveis, independentemente de possuírem uma condição clínica. Porém, quando as crenças negativas são parcialmente ou completamente ativadas, seja pela presença de vulnerabilidades cognitivas ou situações estressoras, elas excedem um limiar tolerável, podendo provocar sofrimento psíquico e aumentar a probabilidade de surgirem sintomas. Wright *et al.* (2019) enfatizam que os indivíduos têm uma mistura de crenças nucleares adaptativas e desadaptativas.

As crenças variam quanto à sua precisão e funcionalidade. Devido às nuances, é possível que crenças disfuncionais sejam enfraquecidas e crenças novas mais funcionais e realistas sejam fortalecidas (Beck, J., 2022). Para Wright *et al.* (2019), o objetivo do terapeuta em nível de crenças é identificar e desenvolver crenças adaptativas e, concomitantemente, modificar ou reduzir as crenças desadaptativas.

Outra característica das crenças é que elas formam esquemas. Ocasionalmente, crenças e esquemas são tratados como sinônimos. Esquemas podem ser considerados como conjuntos de crenças. Para Aaron Beck e Alford (2000) eles são estruturas de cognição que associam significados a eventos, sendo que “significado” é uma combinação entre a interpretação que o indivíduo faz sobre os eventos e a relação desses eventos com o próprio indivíduo. Uma vez que os significados são construídos pelos indivíduos, eles podem estar corretos ou incorretos em relação ao seu contexto, de tal modo que nas distorções cognitivas os significados são disfuncionais.

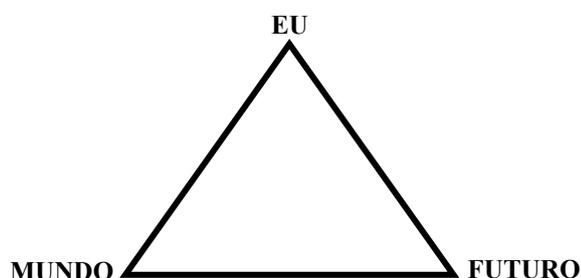
Segundo Abreu e Guilhardi (2004, p. 304), “uma crença é distorcida quando está provocando alguma falha na adaptação do indivíduo no meio no qual ele vive”. Aaron Beck e Alford (2000, p. 26) sugerem que os esquemas (ou crenças) evoluiriam para facilitar a adaptação do ser humano ao ambiente. Trata-se, portanto, de um estado psíquico “não é nem

adaptativo nem maladaptativo em si, apenas em relação a ou no contexto do ambiente social e físico mais amplo no qual a pessoa está”.

Judith Beck (2022) propõe que as crenças centrais disfuncionais sobre si mesmo podem ser classificadas didaticamente em três categorias: desamparo (“Eu sou incompetente.”), desamor (“Eu não sou amável.”) e desvalor (“Eu não mereço viver.”).

De acordo com Aaron Beck e Alford (2000), as crenças centrais influenciam a chamada tríade cognitiva (figura 5), que é formada pela visão que a pessoa tem de si mesma, das outras pessoas e do mundo, e do seu futuro. Na depressão, por exemplo, essa tríade se configura de maneira negativa.

Figura 6 – Tríade cognitiva



Fonte: Elaborado com base em Aaron Beck e Alford (2000).

Conhecidas em linhas gerais as noções centrais da terapia cognitivo-comportamental, a próxima subseção explora aproximações teóricas entre o conceito de tríade cognitiva e o de trabalho de face, uma vez que, embora provenientes de distintas abordagens, essas conexões aprofundam a compreensão da autoimagem.

### 2.1.5 Trabalho de face

Fazendo um paralelo com a noção de face de Goffman (1967, 2011), durante as interações sociais, as pessoas tendem a manter uma linha, ou seja, um padrão de comportamentos verbais e não verbais que determinam a forma como expressam suas características e como avaliam os demais. Mesmo sem perceberem, colocam em prática uma linha que resulta no que o autor denomina de face ou fachada: “O termo fachada [face] pode

ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular” (Goffman, 2011, p. 13).

Para o autor, a face de um indivíduo está constantemente em perigo. Para preservá-la, são necessárias ações que tornem os comportamentos consistentes com a linha adotada. Na preservação da face, os eventos cujos danos ameaçariam a face devem ser neutralizados. Dessa forma, a pessoa trabalha a partir de dois pontos de vista, um de orientação defensiva para defender sua própria face e outro de orientação protetora para proteger a face dos outros.

Quando a pessoa está consistente com a linha adotada, ou seja, apresenta uma imagem que é internamente e externamente aceita por si e pelos outros, diz-se que ela tem, está com ou mantém a sua face.

No entanto, uma pessoa pode estar com a face errada ou fora de face:

Podemos dizer que uma pessoa está com a **fachada errada** quando, de alguma forma, trazemos alguma informação sobre seu valor social que não pode ser integrada, mesmo com esforço, com a linha que está sendo mantida para ela. Podemos dizer que uma pessoa está **fora de fachada** quando ela participa de um contato com outros sem ter uma linha pronta do tipo que esperamos que participantes de tais situações tenham. (Goffman, 2011, p. 16, grifo nosso).

Segundo o autor, as pessoas experimentam respostas emocionais quando sua face está em contato com os outros. Assim, quando uma pessoa acredita que está com a face correta, responderá frequentemente com sentimentos de confiança e convicção, e quando acredita que está com a face errada ou fora de face, poderá sentir-se mal ou ofendida, pois “esperava que o encontro apoiasse uma imagem do eu à qual ela se sente emocionalmente ligada e que agora se encontra ameaçada” (Goffman, 2011, p. 16).

A partir do conceito de face de Goffman, Brown e Levinson (1987) ampliaram a noção e propuseram distingui-la em dois tipos: “**face negativa**: a necessidade de todo ‘membro adulto competente’ de que suas ações não sejam impedidas por outros. **face positiva**: a necessidade de cada membro de que ele seja desejável a pelo menos alguns outros”<sup>15</sup> (Brown; Levinson, 1987, p. 62, grifo no original).

O conceito de face ampliado por Brown e Levinson (1987) diz respeito às necessidades sociais e psicológicas que as pessoas tendem a manter de uma imagem positiva

---

<sup>15</sup> No original: “**negative face**: the want of every ‘competent adult member’ that his actions be unimpeded by others. **positive face**: the want of every member that his wants be desirable to at least some others.”

de si mesmas diante dos outros. A face positiva é a imagem que uma pessoa deseja projetar de si mesma para ser vista como respeitável, competente e agradável. Já a face negativa é aquela imagem que se deseja evitar projetar, visto que pode ser interpretada como ameaçadora, desrespeitosa ou inadequada. A partir dessas noções, os autores propuseram uma teoria da preservação das faces, concebida por eles como *teoria da polidez*.

Para os autores, estratégias de polidez são universais, ainda que variem de uma cultura para outra. Essas estratégias são ações práticas que os indivíduos adotam para preservar suas faces. A face negativa é definida pelo desejo da não imposição e liberdade de ação, resultando na expressão de uma polidez mais rígida e formal concebida como polidez negativa. Por outro lado, a face positiva e sua respectiva polidez positiva são menos formais, já que são mais comumente utilizadas em interações sociais. Sendo faces da mesma moeda, podem ser confundidas.

Em comum com a terapia cognitivo-comportamental, pessoas tendem a experimentar sentimentos em consonância com a face adotada e mantida. Na tríade cognitiva proposta por Aaron Beck, as crenças influenciam as reações, inclusive emocionais, dos indivíduos. Assim, a tríade cognitiva pode influenciar a forma como as pessoas gerenciam suas faces positivas e negativas nas interações interpessoais.

### **2.1.6 Mobilizando os conceitos**

Dado que, nesta dissertação, analisam-se os comportamentos de Lacie Pound no decorrer do episódio *Queda Livre* da série *Black Mirror*, será mostrado um exemplo de como as cognições podem ser identificadas prestando atenção às reações da personagem.

Na introdução desta dissertação, resumiram-se os primeiros momentos do episódio. Naquele mesmo dia, no intervalo do almoço, Lacie visita algumas casas para alugar no condomínio *Pelican Cove*. Uma delas parece ter conquistado sua atenção pelos seus possíveis benefícios, notadamente, um programa de pareamento romântico de casais. Entre as técnicas de persuasão, a imobiliária cria um holograma do cliente ao lado de um parceiro romântico idealizado. A estratégia supostamente funciona com Lacie. Ela está muito mais interessada em alugar a casa depois de se ver com o homem holograma (figura 7).

Figura 7 – Lacie visitando a casa



Fonte: Queda Livre (2016).

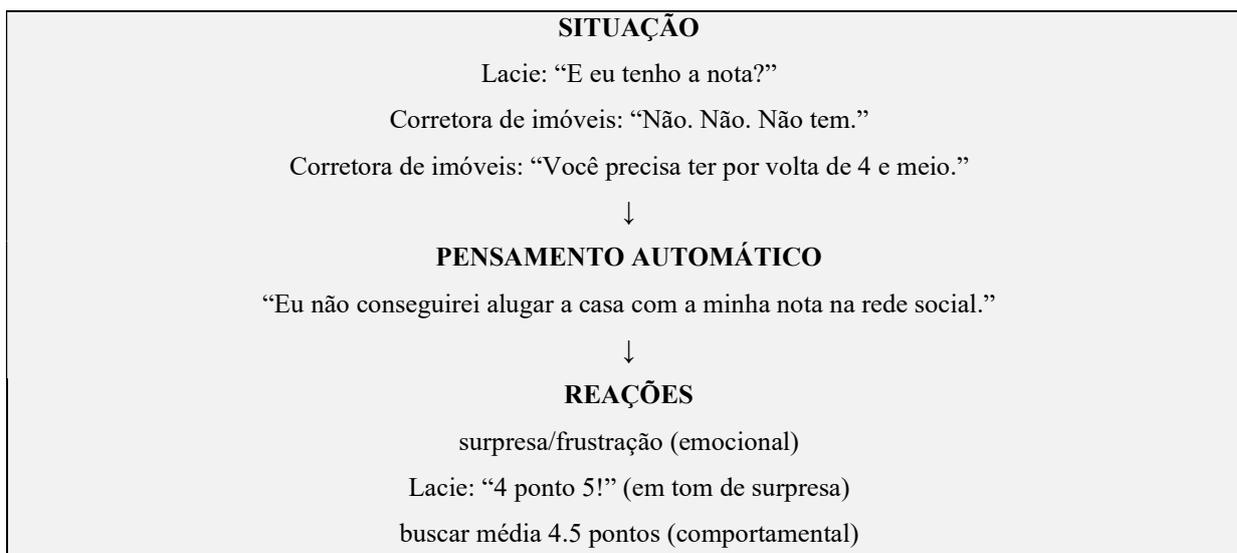
Quando interage com a corretora de imóveis, Lacie acaba por perceber que não tem renda suficiente para pagar o aluguel. Todavia, a vendedora menciona haver um desconto concedido a influenciadores *prime*. Esperançosa de conseguir alugar o espaço, Lacie indaga se tem a nota suficiente para participar do programa (em negrito):

Corretora de imóveis: “Então não demore se estiver interessada.”  
 Lacie: “Oh, estou mais que interessada.”  
 Corretora de imóveis: “Ocupação padrão em um contrato de no mínimo 6 meses.”  
 Corretora de imóveis: “Estamos falando desse valor mais ou menos.”  
 Lacie: “Qual é a frequência dos pagamentos?”  
 Corretora de imóveis: “São semanais.”  
 Lacie: “Sei.”  
 Corretora de imóveis: “Um pouco mais do que o esperado?”  
 Lacie: “Sim.”  
 Corretora de imóveis: “Existem opções.”  
 Corretora de imóveis: “Conhece o nosso programa de influenciadores *prime*?”  
 Lacie: “**E eu tenho a nota?**”  
 Corretora de imóveis: “**Não. Não. Não tem.**”  
 Corretora de imóveis: “**Você precisa ter por volta de 4 e meio.**”  
 Lacie: “**4 ponto 5!**” (em tom de surpresa)  
 Corretora de imóveis: “Chegando a 4 e meio, damos um desconto de 20%.”  
 Lacie: “4 ponto 5.” (em tom de perplexidade)  
 Corretora de imóveis: “Isso mesmo.”  
 (Queda Livre, 2016, 09:39-10:22).

Nesse diálogo, que pode ser descrito pelo modelo cognitivo da figura 8, a seguir, a corretora de imóveis afirma em tom peremptório que Lacie não tem a nota necessária para obter o desconto. Diante dessa resposta e do modo como ela foi feita, é razoável conjecturar que um pensamento automático do tipo “eu não conseguirei alugar a casa com a minha nota na rede social” passou pela cognição de Lacie. Esse pensamento provavelmente suscitou uma reação emocional<sup>16</sup> de surpresa seguida de frustração (figura 9). E, mais adiante, o desfecho comportamental de buscar aumentar sua média para 4.5 pontos.

<sup>16</sup> Judith Beck (2022, p. 396-397) formulou uma lista de emoções positivas e uma lista parcial de emoções negativas para ajudar a identificar e nomear as emoções.

Figura 8 – Modelo cognitivo I de Lacie Pound



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Figura 9 – Lacie interage com a corretora de imóveis



Fonte: Queda Livre (2016).

Seu pensamento automático, embora funcional nos parâmetros dessa sociedade distópica, provocou um comportamento disfuncional. Como pode ser visto no decorrer do episódio, aumentar a média em prazo tão curto (quatro semanas) teria sido considerado pouco provável<sup>17</sup>. Além disso, esse pensamento sugere conexões com suas crenças centrais e intermediárias, as quais serão abordadas mais adiante.

Apresentado um exemplo de modelo cognitivo de Lacie Pound neste diálogo, resta aprofundar como a hipótese do pensamento automático de que ela teria julgado não conseguir alugar a casa com sua nota na rede social foi formulada. Na medida em que esse pensamento não foi expresso pela personagem, mas inferido de aspectos contextuais, ou seja, dos estímulos verbais e não verbais presentes no diálogo com a corretora. Será utilizada para

<sup>17</sup> Segundo o *coaching* de rede social, Lacie levaria em torno de dezoito meses para alcançar a média desejada: “Pra chegar a 4 e meio?! Sem nenhum grande obstáculo ou um constrangimento público, eu diria que cerca de 18 meses.” (Queda Livre, 2016, 12:34-12:41).

esse fim a arquitetura descritivo-explanatória da teoria da relevância de Sperber e Wilson (1986, 1995). A próxima seção dedica-se a abordar essa arquitetura.

## 2.2 TEORIA DA RELEVÂNCIA

Dan Sperber e Deirdre Wilson (1986, 1995) propuseram um modelo comunicacional ostensivo-inferencial para a compreensão contextual de enunciados. Partindo do pressuposto de que a busca pela relevância é uma característica básica da cognição humana, os autores delinearão a teoria da relevância em *Relevance: Communication and Cognition*, cuja primeira edição foi lançada em 1986. Após revisões teóricas, os autores publicaram, em 1995, uma segunda edição da sua obra seminal, na qual foi incluído um posfácio revisando vários pontos da teoria<sup>18</sup>.

A noção de relevância foi proposta como um conceito teórico para tratar de relações entre efeitos cognitivos e esforços de processamento derivados da comunicação ostensivo-inferencial, tomados como dimensões não representacionais dos processos mentais. Por *relevância*, os autores definem uma propriedade potencial de estímulos ou *inputs* direcionados à cognição humana, sejam externos, como os sons, enunciados, visões e ações, sejam internos, como pensamentos, memórias e conclusões de inferências.

Com base no conceito de relevância, os autores propõem dois princípios de relevância: um de caráter cognitivo e outro de caráter comunicativo. O princípio cognitivo de que “a cognição humana tende a ser dirigida para a maximização da relevância” (Sperber; Wilson, 2005, p. 180) é o fundamento mais importante da teoria. Segundo esse princípio, os seres humanos prestam atenção aos estímulos potencialmente relevantes e os processam o mais produtivamente possível. O princípio comunicativo de que a comunicação ostensiva presume sua relevância ótima deriva desse princípio cognitivo. De acordo com a teoria, “comunicar é chamar a atenção de alguém; é implicar que a informação comunicada é relevante” (Sperber; Wilson, 2001, p. 23). Assim, se o falante produz um enunciado

---

<sup>18</sup> A primeira edição do livro *Relevance: Communication and Cognition* foi traduzida para o português europeu sob o título *Relevância: comunicação e cognição* e publicada em 2001 pela Fundação Calouste Gulbenkian. O posfácio da segunda edição foi traduzido para o português brasileiro por Fábio José Rauen e Jane Rita Caetano da Silveira e publicado na Revista *Linguagem em (Dis)curso* (Wilson; Sperber, 2005).

requerendo a atenção do ouvinte, isso sugere *ipso facto* que o enunciado é suficientemente relevante para merecer sua atenção.

Um enunciado proferido por um falante em determinado contexto é tomado em teoria da relevância como um estímulo que visa a criar efeitos cognitivos em um ouvinte. Esse estímulo será relevante para o indivíduo quando fornecer a ele efeitos cognitivos positivos. São três os efeitos cognitivos positivos possíveis de um estímulo:

- (a) Fortalecimento de uma suposição contextual;
- (b) Contradição e eliminação de uma suposição contextual;
- (c) Combinação com uma suposição contextual para gerar uma implicação contextual (isto é, conclusões dedutíveis da conjunção da informação nova e do contexto, mas nunca da informação nova ou do contexto sozinhos). (Wilson, 2004, lição 3, p. 3).

No *fortalecimento de suposições*, uma informação nova serve para reforçar uma informação já existente. Na *eliminação* de uma suposição contextual, uma informação nova entra em contradição com uma informação antiga e, na resolução dessa contradição, será levada em consideração a força das suposições: “quando suposições novas e velhas contradizem umas às outras, a mais fraca das duas suposições é abandonada” (Wilson, 2004, lição 3, p. 4). Por fim, numa *implicação contextual*, inferem-se suposições novas da combinação entre informações antigas e informações novas.

Cabe salientar que os autores definem suposição como um conjunto estruturado de conceitos. Trata-se em um primeiro momento de descrições verdadeiras do mundo, mesmo que não se encontrem explicitamente representadas desta forma. Além disso, as suposições variam quanto ao grau de confiança, sendo tratadas como mais ou menos provavelmente verdadeiras. As suposições podem ser adquiridas de fontes distintas, como da percepção, da decodificação linguística, da memória enciclopédica e do processo dedutivo.

Uma informação nova, no entanto, poderá ser irrelevante para o indivíduo de três modos distintos, quando a informação nova não deriva nenhum dos efeitos cognitivos descritos; quando é tautológica; ou quando contradiz uma suposição existente fortemente endossada pelo indivíduo (Wilson, 2004, lição 3).

Para obter efeitos cognitivos positivos no processamento dos *inputs*, faz-se necessário despender algum esforço mental, de modo que há sempre certo consumo de energia – como em todos os processos biológicos. Em teoria da relevância, denomina-se esse dispêndio de energia de esforço de processamento (Sperber; Wilson, 1995). Existem fatores que afetam o esforço requerido em um dado processamento, ligados a recentidade e

frequência de uso das informações, e complexidade linguística e lógica presentes nessas informações (Wilson, 2004, lição 3). Desta forma, informações mais recentes e frequentes tendem a requerer menos esforço de processamento, enquanto informações linguisticamente e logicamente mais complexas costumam despende mais esforço de processamento.

A relação entre efeitos cognitivos positivos e esforços de processamento afeta o grau da relevância obtida e, em essência:

- (a) Quanto maiores os efeitos cognitivos, maior a relevância;
- (b) Quanto menores os esforços de processamento, maior a relevância. (Wilson, 2004, lição 4, p. 1).

Consequentemente, um *input* terá relevância inferior quando despende maior esforço de processamento para gerar os efeitos cognitivos, sendo este um fator decisivo na determinação do grau de relevância. Um esforço maior de processamento só será compensado quando trouxer efeitos cognitivos positivos adicionais ao indivíduo.

Como se disse, o princípio comunicativo de relevância antecipa que “todo estímulo ostensivo comunica a presunção de sua própria relevância ótima” (Wilson; Sperber, 2005, p. 229). Em teoria da relevância, assume-se que cabe ao falante produzir um estímulo ostensivo ótimo com o intuito de atrair a atenção do ouvinte em direção ao significado que pretende transmitir, e cabe ao ouvinte produzir as inferências adequadas no processamento desse estímulo. Decorre deste princípio uma *presunção de relevância ótima*. Conforme essa presunção, um estímulo ostensivo é otimamente relevante quando é aquele que, compatível com as preferências e habilidades do comunicador, vale a pena o esforço de processamento da audiência:

**Presunção de relevância ótima**

- (a) O estímulo ostensivo é relevante o suficiente para merecer o esforço do destinatário em processá-lo;
- (b) O estímulo ostensivo é o mais relevante compatível com as habilidades e preferências do comunicador. (Wilson; Sperber, 2005, p. 193, grifo no original).

Segue do princípio comunicativo e da presunção de relevância ótima, um procedimento de compreensão orientado pela relevância, antecipando que a audiência segue um caminho de esforço mínimo no cômputo de efeitos cognitivos, testando hipóteses de interpretação na medida em que se tornam acessíveis e parando quando essas expectativas de relevância são satisfeitas ou abandonadas:

**Procedimento de compreensão guiado pela relevância**

Seguir um caminho de menor esforço ao computar efeitos cognitivos:

- (a) Considerar interpretações (por exemplo, atribuições de referência, contextos etc.) na ordem de acessibilidade;
  - (b) Parar quando sua expectativa de relevância é satisfeita (ou abandonada).
- (Wilson, 2004, lição 4, p. 8, grifo no original).

Logo, se o falante pretende tornar seu enunciado tão fácil quanto possível para ser compreendido, conforme suas preferências e habilidades, ele o formularia de tal modo que as expectativas de relevância sejam otimamente satisfeitas pela primeira interpretação. Assim, “quando um ouvinte segue o caminho de menor esforço, ele chega a uma interpretação que satisfaz suas expectativas de relevância que, na ausência de evidências contrárias, é a hipótese mais plausível sobre o significado do falante” (Wilson; Sperber, 2005, p. 233).

Enquanto o significado da sentença é atribuído pela gramática e independe do contexto, o significado do falante abarca os conteúdos explícitos e implícitos que o falante tencionou transmitir ao produzir um enunciado em determinado contexto. O objetivo da pragmática com base na relevância é explicar como a lacuna entre o significado da sentença e o significado do falante é preenchida.

Nessa identificação, o ouvinte busca responder a três questões:

- (a) O que o falante pretendeu comunicar explicitamente?
  - (b) O que o falante pretendeu comunicar implicitamente?
  - (c) Qual é o contexto apropriado na identificação de (a) e de (b)?
- (Wilson, 2004, lição 2, p. 1).

Para descrever e explicar o processo de identificação do significado do falante propõe-se em teoria da relevância a noção de comunicação ostensivo-inferencial.

**2.2.1 Comunicação ostensivo-inferencial**

Na comunicação ostensivo-inferencial “a pessoa que comunica produz um estímulo que torna mutuamente manifesto à pessoa que comunica e aos receptores que a pessoa que comunica tenciona, por meio desse estímulo, tornar manifesto ou mais manifesto aos receptores um conjunto de suposições {I}” (Sperber; Wilson, 2001, p. 112). Em outras

palavras, neste processo estão envolvidos os dois polos da comunicação, de um lado, a pessoa que comunica por ostensão e, do outro lado, o receptor que produz as inferências.

A ostensão refere-se aos comportamentos do falante que tornam manifesta uma intenção de tornar alguma coisa manifesta. A inferência é o processo no qual as suposições [informações] são aceitas como verdadeiras (ou provavelmente verdadeiras) pelo ouvinte. Na ostensão existem dois níveis de informação: o primeiro nível contém as informações para quais se chamou a atenção e o segundo nível inclui a informação de que se chamou intencionalmente a atenção para o primeiro nível de informações. Esses dois níveis foram descritos convencionalmente como intenção informativa e comunicativa:

**Intenção informativa:**

A intenção de informar algo à audiência.

**Intenção comunicativa:**

A intenção de que a audiência reconheça a intenção informativa.

(Wilson, 2004, lição 1, p. 10, grifo no original).

Em qualquer comunicação existe a produção de um certo estímulo que poderá satisfazer um ou ambos os níveis de intenção. Sperber e Wilson (1995) consideram uma intenção como um estado psicológico e seu conteúdo consistindo dos conjuntos de suposições mentalmente representadas que o falante tenciona tornar manifesto ou mais manifesto ao seu ouvinte. Quanto ao nível da intenção informativa, eles sugerem que o falante tem a intenção de causar uma modificação no ambiente cognitivo do ouvinte.

Segundo os autores, o ambiente cognitivo de um indivíduo é o conjunto de suposições que lhes são manifestas. Nesse sentido, ser manifesto concerne à capacidade de algo ser perceptível ou inferido. Os autores salientam que os indivíduos nunca compartilham os seus ambientes cognitivos totais com os outros, mas têm a capacidade de formular suposições mutuamente manifestas. Quando isso ocorre, estão diante de um ambiente cognitivo mútuo. Numa intenção informativa, as suposições são tomadas como manifestas, ao passo que na intenção comunicativa, as suposições são tomadas como mutuamente manifestas. Uma comunicação eficiente, portanto, altera o ambiente cognitivo mútuo do comunicador e do ouvinte, satisfazendo esses dois níveis de intenção.

Para Sperber e Wilson (1995), o reconhecimento das intenções dos outros é crucial na comunicação ostensivo-inferencial. O falante produz um estímulo ostensivo na forma de um enunciado que, diferentemente das sentenças, tem propriedades linguísticas e não linguísticas. Os enunciados representados pela mesma sentença variam quanto às suas interpretações. A tarefa de extrair as interpretações inapropriadas é atribuída ao contexto.

O contexto é um subconjunto das suposições que o ouvinte tem do mundo. Ele é formado pelas informações que provêm do ambiente físico imediato, dos enunciados anteriormente processados, além dos aspectos sócio-histórico-culturais. Esse conjunto de suposições, que são mentalmente representadas, é utilizado nas interpretações dos enunciados. Na interpretação de um enunciado pelo ouvinte, o que está em jogo é a identificação do conjunto de suposições contextuais pretendido pelo falante (Wilson, 2004, lição 1).

Nos termos de Sperber e Wilson (2001, p. 341), todos os enunciados são utilizados para representar um pensamento da pessoa falante e acrescentam que um enunciado é “uma expressão interpretativa de um pensamento da pessoa falante e que o ouvinte forma uma suposição interpretativa acerca da intenção informativa da pessoa falante”. Assim, os falantes utilizam formas linguísticas para representar os seus pensamentos internos, no intuito de conseguir efeitos contextuais específicos em seus ouvintes.

Resta saber o que os pensamentos representam. Qualquer representação mental que tenha uma forma proposicional pode ser utilizada descritiva ou interpretativamente.:

Quando é utilizada **descritivamente**, ela pode ser uma descrição de um estado de coisas do mundo real, ou pode ser uma descrição de um estado de coisas desejável. Quando é utilizada **interpretativamente**, ela pode ser uma interpretação de algum pensamento ou elocução atribuída, ou pode ser uma interpretação de algum pensamento que é ou que seria desejável considerar de uma certa maneira [...]. (Sperber; Wilson, 2001, p. 341, grifo nosso).

Para os autores, os pensamentos referem-se às representações conceituais e as suposições referem-se aos pensamentos tratados pelos indivíduos como representações do mundo real. Eles reforçam a ideia de que a comunicação tem como finalidade o incremento dos ambientes cognitivos mútuos, que inclui os pensamentos reais e aqueles possíveis de vir à mente, e não a duplicação ou modificação dos pensamentos do falante para o ouvinte.

As representações semânticas das sentenças não correspondem a um único pensamento, pois as sentenças podem transmitir um número infinito de pensamentos distintos. Logo, um enunciado “que exprime explicitamente um pensamento pode estar implicitamente a transmitir outros” (Sperber; Wilson, 2001, p. 39). Na busca do conjunto de suposições que o falante tencionou transmitir ao seu ouvinte, há a mobilização do mecanismo dedutivo para descrever e explicar como esse processo ocorre.

### 2.2.2 Mecanismo dedutivo

A teoria da relevância está fundamentada em algumas suposições:

**Suposições sobre comunicação guiadas pela relevância:**

- (a) Cada enunciado tem uma variedade de interpretações linguisticamente possíveis, todas compatíveis com o significado decodificado da sentença.
- (b) Nem todas essas interpretações são igualmente acessíveis ao ouvinte (i.e. são igualmente prováveis de vir à mente do ouvinte) em dada ocasião.
- (c) Os ouvintes estão equipados com um critério único e muito geral para avaliação das interpretações à medida que elas ocorrem, aceitando-as ou rejeitando-as como hipóteses sobre o significado do falante.
- (d) Este critério é bastante poderoso para excluir todas, exceto uma única interpretação (ou algumas interpretações próximas semelhantes), de modo que o ouvinte tem o direito de assumir que a primeira hipótese que o satisfaz (se alguma) é a única plausível. (Wilson, 2004, lição 3, p. 1, grifo no original).

A interpretação de um enunciado envolve duas fases distintas e complementares: “uma fase de decodificação (para identificar o significado da sentença) e uma fase inferencial (para preencher a lacuna entre o significado da sentença e o significado do falante)” (Wilson, 2004, lição 6, p. 1).

Em teoria da relevância, na identificação do significado do falante, o ouvinte é levado a ajustar as explicaturas, as implicaturas e o contexto do enunciado até alcançar, ou abandonar, suas expectativas de relevância (Wilson, 2004, lição 7).

Sperber e Wilson (1986, 1995) propõe um mecanismo dedutivo de interpretação de enunciados, de tal modo que, diante de um enunciado, o ouvinte seguindo o procedimento de compreensão orientado pela relevância: encaixará sua forma linguística em uma forma lógica; enriquecerá inferencialmente essa forma lógica até obter o significado explícito ou explicatura, sempre que pertinente; e mobilizará o significado explícito do enunciado como premissa implicada para gerar conclusões implicadas ou implicaturas, sempre que necessário.

Uma forma lógica é “uma fórmula bem formada, um conjunto estruturado de constituintes que sofrem operações lógicas formais determinadas por sua estrutura” (Sperber; Wilson, 2001, p. 125). Os constituintes de uma forma lógica podem ser acessados através das entradas lógicas, enciclopédicas e/ou lexicais<sup>19</sup>:

---

<sup>19</sup> A separação em três categorias distintas não exclui a possibilidade de uma mesma informação ser armazenada em qualquer uma delas, a depender da situação, ou até mesmo em mais de uma entrada simultaneamente.

**Entrada lógica:** Trata-se de um conjunto finito, pequeno e constante de regras dedutivas que se aplica às formas lógicas das quais são constituintes. São informações de caráter computacional.

**Entrada enciclopédica:** Consiste de informações sobre a extensão ou denotação do conceito – objetos, eventos e/ou propriedades – que a instanciam. Essas informações, de caráter representacional, variam ao longo do tempo e de indivíduo para indivíduo.

**Entrada lexical:** Consiste de informações linguísticas sobre a contraparte em linguagem natural do conceito – informação sintática e fonológica. São informações de caráter representacional. (Silveira; Feltes, 2015, p. 20, grifo no original).

É desse processo que se deriva a explicatura do enunciado. Para Sperber e Wilson (2001, p. 274), uma explicatura é “uma combinação de traços conceituais linguisticamente codificados e contextualmente inferidos”.

A tarefa final da explicatura é derivar uma forma lógica plenamente proposicional, para a qual se pode atribuir um valor de verdade. Para Sperber e Wilson (2001, p. 125, grifo no original), “uma forma lógica é *proposicional* se for semanticamente completa e por isso capaz de ser verdadeira ou falsa, e *não proposicional* de outro modo”. Neste nível, atribuem-se referências, resolvem-se indeterminações, desambiguizam-se sentidos ambíguos, interpretam-se linguagens metafóricas e enriquecem-se elipses (Silveira; Feltes, 2015). As explicaturas, portanto, variam em seu grau de explicitude.

Observe-se, contudo, que não é incomum que a interpretação pretendida pelo falante exceda a explicatura. Nesse caso, o intérprete toma a explicatura do enunciado do falante como uma premissa implicada a partir da qual gera uma conclusão implicada ou implicatura, enquanto suposições comunicadas implicitamente pelos enunciados.

De acordo com Sperber e Wilson (2001, p. 154, grifo nosso), ao final do processo, “quando se chega a uma certa inferência ou implicatura, é possível fazer a demonstração *ex post facto* de como o ouvinte a podia ter derivado das premissas disponíveis naquele momento da conversa pela utilização das regras de dedução disponíveis”. Além disso, eles defendem a ideia de que as únicas regras lógicas acessíveis à mente humana são as regras dedutivas e as únicas regras de dedução disponíveis durante o processamento de informações são as regras de eliminação como a *eliminação-e*, o *modus ponens* e o *modus tollens*.

### 2.2.3 Mobilizando os conceitos

Para ilustrar os conceitos da teoria da relevância que foram mobilizados neste estudo, retoma-se o diálogo entre Lacie e a corretora de imóveis apresentado na seção anterior. Em específico, destaca-se agora o processamento cognitivo de Lacie diante do fato de que a corretora lhe afirma que ela não tem a nota necessária para participar do programa de influenciadores *prime* (em negrito). Como se conjecturou antes, é essa resposta que acionaria o pensamento automático “eu não conseguirei alugar a casa com a minha nota na rede social”.

Corretora de imóveis: “Não. Não. **Não tem.**”  
 Corretora de imóveis: “**Você precisa ter por volta de 4 e meio.**”  
 (Queda Livre, 2016, 10:04-10:08).

A relembrar, Lacie estava interessada em alugar a casa, mas o valor do aluguel estava acima das suas condições financeiras. Diante disso, a corretora oferece um programa de desconto para influenciadores *prime*. Assim, o conjunto de suposições  $\{S_1-S_n\}$  que poderia representar o ambiente cognitivo inicial de Lacie nessa negociação poderia ser o seguinte:

- (S<sub>1</sub>) Eu (provavelmente) conseguirei alugar a casa.  
 (S<sub>2</sub>) Se eu tiver nota suficiente na rede social para participar do programa de influenciadores *prime*, eu conseguirei alugar a casa com minha nota na rede social.  
 (S<sub>3</sub>) Se eu não tiver nota suficiente na rede social para participar do programa de influenciadores *prime*, eu não conseguirei alugar a casa com minha nota na rede social.

Acionando o mecanismo de interpretação orientado pela relevância, Lacie processaria o enunciado “não tem” da corretora de imóveis em ordem de acessibilidade até que sua interpretação se conformasse com sua expectativa de relevância ótima.

A figura 10, a seguir, representa essas operações no contexto das suposições cognitivas  $\{S_1-S_3\}$  apresentadas acima:

Figura 10 – Interpretação do enunciado “não tem”

Forma linguística	∅	Não	tem	∅	∅	∅	
	↑	↑	↑	↑	↑	↑	
Forma lógica	alguém	não	ter	algo	em algum lugar	para algum fim	
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	
Explicatura	A CORRETORA DE IMÓVEIS AFIRMA À LACIE QUE	LACIE	NÃO	TEM	A NOTA MÍNIMA	NA REDE SOCIAL	PARA LACIE PARTICIPAR DO PROGRAMA DE INFLUENCIADORES <i>PRIME</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Com base nessa figura, a explicatura potencial do enunciado da corretora de imóveis poderia ser representada pela suposição (S<sub>4</sub>), a seguir:

(S<sub>4</sub>) A corretora de imóveis afirma à Lacie que Lacie não tem a nota mínima na rede social para Lacie participar do programa de influenciadores *prime* (premissa implicada derivada da explicatura do primeiro enunciado da corretora de imóveis).

Logo em seguida, a corretora de imóveis menciona qual seria a nota mínima suficiente para participar do programa de influenciadores *prime*. Novamente, Lacie acionaria o mecanismo de interpretação orientado pela relevância para processar o enunciado “você precisa ter por volta de 4 e meio”, resultando nas operações da figura 11:

Figura 11 – Interpretação do enunciado “você precisa ter por volta de 4 e meio”

Forma linguística	Você	precisa ter	por volta de 4 e meio	∅	∅
	↑	↑	↑	↑	↑
Forma lógica	alguém	precisar ter	algo	em algum lugar	para algum fim
	↓	↓	↓	↓	↓
Explicatura	A CORRETORA DE IMÓVEIS AFIRMA À LACIE QUE LACIE	PRECISA TER	POR VOLTA DE 4.5 PONTOS	NA REDE SOCIAL	PARA LACIE PARTICIPAR DO PROGRAMA DE INFLUENCIADORES PRIME

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A partir dessa figura, a explicatura potencial desse enunciado poderia ser representada pela suposição (S<sub>5</sub>):

(S<sub>5</sub>) A corretora de imóveis afirma à Lacie que Lacie precisa ter por volta de 4.5 pontos na rede social para Lacie participar do programa de influenciadores *prime* (premissa implicada derivada da explicatura do segundo enunciado da corretora de imóveis).

Diante da explicatura (S<sub>5</sub>), Lacie teria condições de buscar no seu conhecimento enciclopédico o valor da sua própria nota (S<sub>6</sub>) como premissa implicada, inferindo por *modus ponens conjuntivo* a conclusão implicada de que ela provavelmente não tem nota suficiente para participar do programa (S<sub>7</sub>):

(S<sub>6</sub>) Lacie tem apenas 4.2 pontos na rede social (premissa implicada derivada da memória enciclopédica de Lacie).

(S<sub>7</sub>) Lacie não tem nota suficiente para participar do programa de influenciadores *prime* (conclusão implicada por *modus ponens conjuntivo*:  $S_5 \wedge S_6 \rightarrow S_7$ ).

A suposição (S<sub>7</sub>) é relevante no contexto inicial {S<sub>1</sub>-S<sub>3</sub>} de Lacie, porque produz três efeitos cognitivos. Primeiro, (S<sub>7</sub>) é uma evidência contrária à sua expectativa (S<sub>1</sub>) de

alugar a casa, enfraquecendo-a; segundo, (S<sub>7</sub>) elimina a suposição (S<sub>2</sub>); terceiro, (S<sub>7</sub>) se combina com a suposição (S<sub>3</sub>) para derivar por *modus ponens conjuntivo* a implicatura (S<sub>8</sub>) de que Lacie não alugará a casa (pelo menos participando do programa de influenciadores *prime* com a nota de Lacie na rede social):

(S<sub>8</sub>) Lacie não conseguirá alugar a casa com a nota de Lacie na rede social  
(conclusão implicada por *modus ponens conjuntivo*:  $S_3 \wedge S_7 \rightarrow S_8$ ).

Perceba-se que a formulação em (S<sub>8</sub>) equivale à hipótese sobre o pensamento automático que terá o poder de mobilizar as ações comportamentais posteriores no episódio. Impactada pela impossibilidade de alugar a casa por meio do programa de influenciadores *prime*, Lacie produzirá planos de ação intencionais em direção ao aumento de sua média. Ela deseja obter o máximo de avaliações positivas na rede social em um espaço de tempo suficientemente curto para que ela possa aproveitar a oportunidade de negócio. Na próxima seção, apresenta-se como Lacie elabora esses planos e, para isso, mobiliza-se a arquitetura descritivo-explanatória da teoria de conciliação de metas.

### 2.3 TEORIA DE CONCILIAÇÃO DE METAS

A teoria de conciliação de metas de Rauen (2014) é uma abordagem abdução-dedutiva destinada a descrever e a explicar a comunicação ostensivo-inferencial a partir da perspectiva proativa de um falante agindo em direção à consecução de uma meta. Para Rauen (2018, p. 22), estímulos ostensivos comunicacionais podem ser modelados em “termos de um plano de ação intencional em direção à conciliação de uma meta”.

Conforme ilustrado na figura 12, a arquitetura descritivo-explanatória da teoria de conciliação de metas é organizada em quatro estágios: os três primeiros abdução e o três últimos dedutivos. O estágio [1] compreende a projeção de uma meta  $Q$ , o estágio [2] a formulação de uma hipótese abdução antifactual de consecução nos termos  $P \rightarrow Q$ , o estágio [3] a execução (ou não) da ação antecedente  $P$  (ou  $\neg P$ ) e, por fim, o estágio [4] visa a checagem dedutiva da formulação hipotética em termos  $Q'$  (ou  $\neg Q'$ )<sup>20</sup>.

<sup>20</sup> A expressão  $Q'$  indica que a consecução da meta sempre é, em alguma medida, diferente de sua projeção.

Figura 12 – Arquitetura descritivo-explanatória da teoria de conciliação de metas

Abdução	[1]		Q
Dedução	[2]	P	Q
	[3]	P	
	[4]		Q'

Fonte: Rauen (2018, p. 14).

Nos estágios abduativos [1]-[3], um indivíduo  $i$  projeta-se num estado de meta  $Q$  no futuro e abduz *ex ante facto* uma hipótese de que certa ação antecedente  $P$  no presente ou num futuro mais imediato é minimamente plausível para atingir o estado consequente  $Q$ . Nos estágios dedutivos [2]-[4], a hipótese de conexão entre a ação antecedente  $P$  e o estado consequente  $Q$  é considerada como uma premissa maior. No contexto dessa premissa maior, a execução da ação antecedente é considerada uma premissa menor, e o estado consequente é considerado uma conclusão dedutiva a partir dessas premissas (Rauen, 2018).

Veja-se como esses quatro estágios podem ser explorados para modelar a cena em que Lacie negocia o aluguel com a corretora de imóveis.

### 2.3.1 Modelando a cena da corretora em quatro estágios

Conforme Rauen (2014) argumenta, o estágio [1] compreende a projeção de uma meta  $Q$ , e pode ser descrito nos seguintes termos:

[1] O indivíduo  $i$  projeta uma meta  $Q$  em  $t_I$ ,

tal que:

- a)  $t_I$  representa o tempo da projeção da meta  $Q$ ; e
  - b) a meta  $Q$  é um estado futuro ainda não existente em  $t_I$ .
- (Rauen, 2014, p. 599).

Conforme essa formulação, verifica-se que (a) o processo é iniciado em  $t_I$ , representando o momento da projeção da meta  $Q$  e (b) a meta  $Q$  é uma possibilidade futura que ainda não existe no tempo  $t_I$ , o tempo da projeção da meta  $Q$ .

Como se infere da negociação, Lacie se interessa por alugar a casa nas condições mencionadas pela corretora de imóveis. Esse anseio representa o que em teoria de conciliação de metas se chama estado futuro de meta e pode ser modelado nos seguintes termos:



Trazendo essas restrições à cena da corretora de imóveis, é razoável conjecturar que a hipótese abdutiva antifactual mais plausível para que Lacie alugue a casa no condomínio *Pelican Cove*  $Q$  é a de ela participar do programa de influenciadores *prime*  $P$ .

[2] Lacie  $i$  abduz a hipótese antifactual de que se Lacie participar do programa de influenciadores *prime*, então Lacie alugará casa em  $t_2$ .

O output de [2], pode ser representado de maneira esquemática como segue:

[1]	$Q$		alugar a casa no condomínio <i>Pelican Cove</i> , Lacie
[2]	$P$	$Q$	participar do programa de influenciadores <i>prime</i> , Lacie      alugar a casa no condomínio <i>Pelican Cove</i> , Lacie

O estágio [3] compreende a execução (ou inexecução) da ação antecedente  $P$  (ou  $\neg P$ ). A partir desses parâmetros, dois cenários [3a-3b] podem ser modelados:

[3a] O indivíduo  $i$  executa  $P$  para atingir  $Q$  em  $t_3$ , ou  
 [3b] O indivíduo  $i$  não executa  $P$  para atingir  $Q$  em  $t_3$ ,

tal que:

- a)  $t_3$  representa o tempo da execução da ação antecedente  $P$  no contexto da formulação hipotética “Se  $P$ , então  $Q$ ”;
  - b)  $t_3$  sucede  $t_2$ ;
  - c) [3b] é o modelo de inação pressuposto por [3a];
  - d) A inação pode ser voluntária ou involuntária.
- (Rauen, 2014, p. 601-602).

Diante desta descrição, verifica-se que (a) a ação é executada em um tempo específico  $t_3$ ; (b)  $t_3$  sucede a formulação da hipótese abdutiva antifactual  $H_a$ ; (c) há um modelo positivo no qual a ação  $P$  é executada e um modelo negativo no qual a ação  $P$  não é executada; e (d) existem situações nas quais a ação não pode ser executada ou não é executada, voluntária ou involuntariamente.

Conforme o exposto, no estágio de execução, o indivíduo pode ou não executar a ação antecedente  $P$  no contexto da hipótese  $H_a$ . Quando o indivíduo executa a ação entra em cena o modelo agentivo denominado ativo. E quando o indivíduo não executa a ação, entra em cena o modelo não agentivo denominado passivo, sendo que este é acionado em pelo menos duas situações, a saber, quando o indivíduo está impossibilitado de executar a ação por motivos alheios à sua vontade ou quando há uma situação intrapessoal conflitante.

Voltando à análise da cena da corretora, o plano de Lacie só pode ser modelado mentalmente. Ela sai do encontro convencida de que poderá participar do programa e, como

poderá ser conferido nas cenas posteriores do episódio, promoverá ações em direção a essa participação, configurando o enredo nos moldes de um modelo agentivo:

[3] Lacie  $i$  participará do programa de influenciadores *prime* em  $t_3$ .

O output de [3], pode ser representado de maneira esquemática como segue:

[1]		$Q$			alugar a casa no condomínio <i>Pelican Cove</i> , Lacie
[2]	$P$	$Q$	participar do programa de influenciadores <i>prime</i> , Lacie		alugar a casa no condomínio <i>Pelican Cove</i> , Lacie
[3]	$P$		Lacie participará do programa de influenciadores <i>prime</i>		

O estágio [4] compreende a checagem dedutiva da formulação hipotética lançada anteriormente, em termos  $Q'$  (ou  $\neg Q'$ ), conforme a seguir:

[4a] Considerando-se [2] Se  $P$ , então  $Q$  e [3a]  $P$ , o indivíduo  $i$  checa a consecução  $Q'$  em  $t_4$ ; ou,

[4b] Considerando-se [2] Se  $P$ , então  $Q$  e [3b]  $\neg P$ , o indivíduo  $i$  checa a consecução  $\neg Q'$  em  $t_4$ ,

tal que:

- $t_4$  representa o tempo da consecução da meta  $Q$ ;
- $t_4$  sucede  $t_3$ .
- [4a] é o modelo de consecução da ação  $P$  de [3a] e (4b) é o modelo de consecução da inação  $\neg P$  de [3b];
- $Q'$  representa o resultado da ação  $P$  de [3a] e  $\neg Q'$  representa o resultado da inação  $\neg P$  de [3b];
- $Q'$  ou  $\neg Q'$  é uma realidade em  $t_4$ .  
(Rauen, 2014, p. 602-603).

No quarto estágio, o indivíduo avalia ou monitora o resultado da (in)ação antecedente  $P$  no escopo dedutivo da formulação “Se  $P$ , então  $Q$ ”, o que converge com o módulo dedutivo dos autores Sperber e Wilson (1986, 1995). Como visto, o indivíduo executará ou não a ação antecedente, e mesmo diante de uma inação, as consequências serão avaliadas ou monitoradas conforme o exposto.

Mais uma vez restrito à cena, a checagem da consecução só pode ser modelada em nível de expectativas de consecução na qual Lacie antecipa a checagem do sucesso de suas ações antecedentes.

[4] Lacie  $i$  checa a consecução de alugar casa em  $t_4$ .

O output de [4], pode ser representado de maneira esquemática como segue:

[1]		$Q$		alugar a casa no condomínio <i>Pelican Cove</i> , Lacie
[2]	$P$	$Q$	participar do programa de influenciadores <i>prime</i> , Lacie	alugar a casa no condomínio <i>Pelican Cove</i> , Lacie
[3]	$P$		Lacie participará do programa de influenciadores <i>prime</i>	
[4]		$Q'$		Lacie alugará casa no condomínio <i>Pelican Cove</i>

Assim, decorre do estágio [4], a avaliação da consecução da meta  $Q$  e da hipótese abductiva antifactual  $H_a$ . Nessa avaliação, podem ser acionados dois conceitos essenciais da teoria de conciliação de metas: o de conciliação de metas e o de confirmação de hipóteses.

### 2.3.2 Conciliação de metas e confirmação de hipóteses

Por conciliação de metas, Rauen (2020, p. 32) define “certa situação na qual o estado  $Q'$  em  $t_4$  satisfaz, coincide com ou corresponde com a meta  $Q$  em  $t_1$ , de tal modo que o resultado da ação  $P$  em  $t_4$  é suficientemente semelhante com o resultado projetado pelo indivíduo  $i$  em  $t_1$ ”.

Diante deste conceito há quatro possibilidades de consecução: conciliação ativa, inconciliação ativa, conciliação passiva e inconciliação passiva. Primeiramente, verifica-se uma *conciliação de metas* quando o estado  $Q'$  obtido no estágio [4] coincide com a meta  $Q$  projetada no estágio [1] e, inversamente, *inconciliação de metas* quando o estado  $Q'$  obtido no estágio [4] não satisfaz as expectativas da meta  $Q$  projetada no estágio [1]. Para que haja *conciliação ou inconciliação ativa*, o indivíduo precisa executar a ação antecedente  $P$  no estágio [3], caso contrário, haverá uma *conciliação ou inconciliação passiva*.

Mais especificamente, na *conciliação ativa* (1a), o indivíduo  $i$  executa a ação antecedente  $P$ , no contexto da hipótese abductiva antifactual  $H_a$  e, como esperado, o estado consequente  $Q'$  em  $t_4$  concilia-se com a meta  $Q$  em  $t_1$ ; na *inconciliação ativa* (1b), o indivíduo  $i$  executa a ação antecedente  $P$ , no contexto da hipótese abductiva antifactual  $H_a$ , no entanto, o estado  $\neg Q'$  em  $t_4$  não se concilia com a meta  $Q$  em  $t_1$ ; na *conciliação passiva* (1c), o indivíduo  $i$  não executa a ação antecedente  $P$ , no contexto da hipótese abductiva antifactual  $H_a$  e, mesmo assim, o estado  $Q'$  em  $t_4$  concilia-se com a meta  $Q$  em  $t_1$ ; e, por fim, na *inconciliação passiva* (1d), o indivíduo  $i$  não executa a ação antecedente  $P$ , no contexto da hipótese abductiva antifactual  $H_a$ , e o estado  $\neg Q'$  em  $t_4$  não se concilia com a meta  $Q$  em  $t_1$ .

Na figura 13, a seguir, apresentam-se esquematicamente as quatro diferentes possibilidades de consecuições de metas. Nessa figura, cabe salientar que o símbolo ‘ $\neg$ ’

representa a inexecução da ação antecedente  $P$  ou a não consecução do estado consequente  $Q'$ , ou seja, uma inconciliação da meta  $Q$ .

Figura 13 – Possibilidades de consecução de metas

Estágios	(1a) Conciliação Ativa	(1b) Inconciliação Ativa	(1c) Conciliação Passiva	(1d) Inconciliação Passiva
[1]	Q	Q	Q	Q
[2]	P Q	P Q	P Q	P Q
[3]	P	P	¬P	¬P
[4]	Q'	¬Q'	Q'	¬Q'

Fonte: Rauen (2014, p. 604).

Outro ponto da teoria diz respeito à confirmação de hipóteses. Por confirmação de uma hipótese abdutiva antifactual  $H_a$ , Rauen (2020, p. 33) define “a situação na qual o estado da realidade  $Q'$  em  $t_4$  satisfaz, coincide com ou corresponde com a hipótese abdutiva antifactual  $H_a$  em  $t_2$ , de tal modo que o resultado da ação  $P$  reforça a hipótese abdutiva antifactual  $H_a$  de que a ação antecedente  $P$  causa o estado consequente  $Q'$ ”.

Ou seja, uma confirmação de hipótese ocorre quando o estado consequente  $Q'$  no estágio [4] satisfaz as expectativas de consecução lançadas na formulação  $P \rightarrow Q$  no estágio [2], reforçando a hipótese abdutiva antifactual entre o estado antecedente  $P$  e o estado consequente  $Q$ . A confiança ou força atribuída às hipóteses variam em graus, e essa gradação oscila desde a consideração de hipóteses categóricas a tautológicas, passando por hipóteses bicondicionais, condicionais e habilitadoras. Essas possibilidades de consecução são apresentadas na figura 14.

Figura 14 – Possibilidades de consecução de planos de ação intencional

Tipos de Conciliação	Ação	Estado	Hipótese	Hipótese	Hipótese	Hipótese	Hipótese
	Antecedente	Consequente	Categórica	Bicondicional	Condicional	Habilitadora	Tautológica
	$P$	$Q$	$P \leftrightarrow Q$	$P \leftrightarrow Q$	$P \rightarrow Q$	$P \leftarrow Q$	$P \dashv Q$
Conciliação Ativa	+	+	+	+	+	+	+
Inconciliação Ativa	+	-	-	-	-	+	+
Conciliação Passiva	-	+	-	-	+	-	+
Inconciliação Passiva	-	-	-	+	+	+	+

Fonte: Rauen (2018, p. 16, adaptado).

Ademais, outras duas noções decorrem dessa gradação: a noção de fortalecimento de hipótese e a noção de enfraquecimento de hipótese (Rauen, 2018). O fortalecimento de hipótese ocorre quando sucessivas consecuições aumentam o grau de confiança ou força que o indivíduo atribui à hipótese. E o enfraquecimento de hipótese ocorre quando sucessivos fracassos diminuem o grau de confiança e força que o indivíduo atribui à hipótese.

Nessa avaliação, as hipóteses categóricas  $P \Leftrightarrow Q$  são consideradas como suficientes, necessárias e certas, as hipóteses bicondicionais  $P \leftrightarrow Q$  como suficientes e necessárias, as condicionais  $P \rightarrow Q$  como suficientes, mas não necessárias, as habilitadoras  $P \leftarrow Q$  como necessárias, mas não suficientes, e as hipóteses tautológicas  $P - Q$  não são consideradas nem suficientes, nem necessárias.

Mais especificamente, (a) numa *hipótese abdutiva antefactual categórica*  $P \Leftrightarrow Q$ , a ação  $P$  é considerada suficiente, necessária e certa para a consecução de  $Q$  e só se admitem conciliações ativas; (b) numa *hipótese abdutiva antefactual bicondicional*  $P \leftrightarrow Q$ , a ação é considerada suficiente e necessária, mas não certa para a consecução de  $Q$  e se admitem conciliações ativas e inconciliações passivas; (c) numa *hipótese abdutiva antefactual condicional*  $P \rightarrow Q$ , a ação  $P$  é considerada suficiente, mas não necessária para a consecução de  $Q$  e se admitem conciliações ativas, inconciliações passivas e conciliações passivas; (d) numa *hipótese abdutiva antefactual habilitadora*  $P \leftarrow Q$ , a ação  $P$  é considerada necessária, mas não suficiente para a consecução de  $Q$  e se admitem conciliações ativas, inconciliações ativas e inconciliações passivas; e, por fim, (e) numa *hipótese abdutiva antefactual tautológica*  $P - Q$ , a ação  $P$  não é nem suficiente, nem necessária para a consecução de  $Q$  e se admitem todos os tipos de consecução.

Nas palavras do autor:

Levantou-se a hipótese de que, por padrão, hipóteses abdutivas emergem como categóricas ( $P \Leftrightarrow Q$ ) e modelam conciliações ativas. Diante de problemas ou dilemas, essa formulação torna-se bicondicional ( $P \leftrightarrow Q$ ), admitindo-se inconciliações passivas. Quando  $P$  é apenas suficiente, a formulação torna-se condicional ( $P \rightarrow Q$ ), admitindo-se conciliações passivas. Quando  $P$  é necessário, mas não garante  $Q$ , a formulação torna-se habilitadora ( $P \leftarrow Q$ ), admitindo-se inconciliações ativas. Por fim, quando todas as possibilidades são plausíveis a formulação torna-se tautológica ( $P - Q$ ). (Rauen, 2013, p. 201).

Conforme Luciano (2014), quando confrontado com impasses, o indivíduo tende a buscar alternativas de resolução. A autora sustenta que as metas desempenham um papel crucial na relação entre efeitos cognitivos positivos e esforço de processamento: as metas motivam o indivíduo a investir um esforço de processamento mais significativo. O problema surge quando o indivíduo encontra um obstáculo. Nesse caso, sob condições psíquicas normais, o indivíduo tende a procurar outras estratégias para alcançar a meta, desde que a manutenção da meta seja suficientemente relevante.

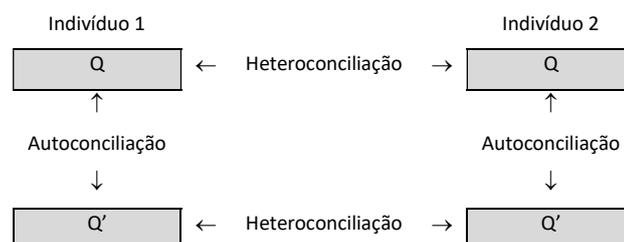
Até o momento, foram apresentados os quatros estágios da teoria de conciliação de metas (projeção da meta, formulação da hipótese, execução da ação e checagem da formulação hipotética), as quatro possibilidades de consecução de metas decorrentes do último estágio (conciliação ativa, inconciliação ativa, conciliação passiva e inconciliação passiva) e as cinco arquiteturas para a avaliação das hipóteses (categóricas, bicondicionais, condicionais, habilitadoras e tautológicas). Como será visto a seguir, a arquitetura abdução-dedutiva da teoria modela processos de conciliação de metas a nível individual (autoconciliação de metas) ou a nível colaborativo (heteroconciliações de metas), como nos casos de estímulos comunicacionais ostensivos.

### 2.3.3 Heteroconciliações de metas

Conciliações de metas podem ser individuais ou colaborativas. Há autoconciliação quando é o indivíduo quem avalia a consecução de suas metas e há uma heteroconciliação quando, demandando trocas comunicacionais, a meta é alcançada com o concurso de outrem.

Um processo colaborativo envolve uma cadeia complexa de auto e heteroconciliações. Essas relações podem ser visualizadas na figura 15, a seguir:

Figura 15 – Esquema básico para auto e heteroconciliação de metas



Fonte: Rauen (2014, p. 613, adaptado).

Em casos colaborativos, o falante produz um estímulo ostensivo, para isto, mobilizando uma ação antecedente heteroconciliável capaz de habilitar a consecução dessa meta mediante a colaboração do ouvinte. Nesse caso, ambos coordenam metas e submetas em comum. Como a meta precisa ser comunicada, é neste ponto que são encaixadas as noções de intenção informativa e comunicativa da teoria da relevância.

Assim, a teoria de conciliação propõe que uma troca comunicacional mobiliza três camadas de intenções: uma *intenção prática* que superordena uma *intenção informativa* de tornar manifesto ou mais manifesto um conjunto de suposições {I} que, por sua vez, superordena uma *intenção comunicativa* de, mediante estímulos ostensivos, tornar mutuamente manifesto ou mais manifesto para ambos, falante e ouvinte, que o falante torna manifesto esse conjunto de suposições {I}. Por fim, a intenção comunicativa superordena a ação comunicacional: “o falante produz um estímulo ostensivo aberto que torna mutuamente manifesto ou mais manifesto para ambos, falante e ouvinte, que ele torna manifesto esse conjunto de informações {I}, o estímulo comunicacional em si” (Rauen, 2021, p. 4).

A seguir (figura 16), a presunção de relevância é apresentada como uma abdução. O ouvinte assume *ex ante facto* a obtenção da relevância ótima, e assim, aciona a heurística de interpretação como ação antecedente *P* habilitadora em direção à conciliação da meta *Q*'.

Figura 16 – Heurística de interpretação enquanto plano de ação intencional

Abdução	[1]		Relevância ótima
	Dedução	[2] Heurística de compreensão orientada pela Relevância	Relevância ótima
		[3] Heurística de compreensão orientada pela Relevância	
		[4]	Relevância ótima'

Fonte: Rauen (2021, p. 9).

Posto isso, Rauen (2018, p. 22) conclui que os processos de interpretação em geral são, por princípio, abduativo-dedutivos:

[...] baseado na presunção de que em todo enunciado há uma interpretação relevante, a meta *Q* do ouvinte é obtê-la e a hipótese abdutiva antifactual ótima é a de que a aplicação do procedimento de interpretação guiado pela relevância *P* viabiliza a obtenção dessa interpretação relevante *Q*. Assim, o ouvinte aplica o procedimento *P* e, em seguida, checka se a interpretação se concilia com essa expectativa *Q*'.

### 2.3.4 Mobilizando os conceitos

Na seção 2.2, conjecturou-se que Lacie buscaria uma solução para conseguir alugar a casa nas condições do programa de influenciadores *prime*. Arbitrando ser essa a sua meta de nível mais alto, em termos de teoria de conciliação de metas, esse plano de ação intencional poderia ser descrito nos termos da figura 17, a seguir:

Figura 17 – Primeira versão do plano de ação intencional de Lacie

<p>Q – Alugar casa nas condições do programa de influenciadores <i>prime</i>, Lacie</p> <p>P – Participar do programa de influenciadores <i>prime</i>, Lacie</p> <p>O – Aumentar média para 4.5 pontos, Lacie</p>
---

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No entanto, como Lacie ainda não sabe ao certo como atingir sua meta (O) de nível mais baixo, ela consulta um *coaching* de rede social<sup>21</sup>. Visto que as avaliações das pessoas com médias superiores têm maior impacto numa ascensão de médias na rede social, o *coaching* explica a Lacie que ela precisará aumentar a interação com pessoas com essas características para conquistar pontos de forma mais rápida.

O plano agora se expande, como mostrado na figura 18:

Figura 18 – Segunda versão do plano de ação intencional de Lacie

<p>Q – Alugar casa nas condições do programa de influenciadores <i>prime</i>, Lacie</p> <p>P – Participar do programa de influenciadores <i>prime</i>, Lacie</p> <p>O – Aumentar média para 4.5 pontos, Lacie</p> <p>N – Obter avaliações positivas de pessoas com médias altas, Lacie</p>
--

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Lacie começa a buscar desesperadamente por avaliações positivas de pessoas com médias altas e sai pelos lugares distribuindo avaliações cinco estrelas para todos que encontra. Como uma forma de evitar avaliações negativas, Lacie ignora cruelmente seu colega Chester que implorava para entrar no prédio onde trabalhavam.

Depois de algumas tentativas frustradas de interação, Lacie decide consultar seu *coaching* mais uma vez. Diante do seu conselho, “Seja você mesma. Gestos autênticos, essa é a chave.” (Queda Livre, 2016, 14:49-14:53), ela tem a ideia de postar uma foto do seu ursinho de pelúcia que a acompanha desde a infância, no intuito de chamar a atenção de sua antiga amiga Naomi. Dado que Naomi compartilhava essa memória com Lacie, ela finalmente avalia a amiga com 5 estrelas (figura 19).

<sup>21</sup> Por força de concisão, muitos dos planos de ação intencional não serão explicitamente formalizados nesta dissertação. Por exemplo, *consultar um coaching* configurar-se-ia como uma submeta (N) na figura 17, caso essa ação fosse representada graficamente.

Figura 19 – Naomi avalia positivamente a foto do Rabicho



Fonte: Queda Livre (2016).

Mais tarde naquele dia, Naomi liga para Lacie e a convida para ser sua madrinha de casamento. Lacie agora vê a oportunidade perfeita para aumentar sua média, uma vez que o casamento estará repleto de pessoas com médias altas. Seu plano de ação intencional ganha a peça que faltava (figura 20):

Figura 20 – Terceira versão do plano de ação intencional de Lacie

<p>Q – Alugar casa nas condições do programa de influenciadores <i>prime</i>, Lacie</p> <p>P – Participar do programa de influenciadores <i>prime</i>, Lacie</p> <p>O – Aumentar média para 4.5 pontos, Lacie</p> <p>N – Obter avaliações positivas de pessoas com médias altas, Lacie</p> <p>M – Participar como madrinha do casamento de Naomi, Lacie</p>
---

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Arbitrando essa configuração do plano de ação intencional como central para analisar o que doravante acontece no episódio, serão apresentadas no próximo capítulo as consecuições desse plano, destacando, sempre que pertinente, as interações comunicacionais e os impactos dessas consecuições nas cognições da personagem.

### 3 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo se reserva à análise do episódio e foi organizado em duas seções. Na primeira seção, apresentam-se a filiação e os procedimentos metodológicos da pesquisa de acordo com as teorias elencadas nos capítulos precedentes, bem como se elabora um diagrama de conceitualização cognitiva da protagonista Lacie Pound desenvolvido com base na terapia cognitivo-comportamental. Na segunda seção, apresenta-se a análise do episódio respeitando a ordem cronológica das ações da personagem no enredo.

#### 3.1 PROCEDIMENTOS

A presente dissertação se filia ao projeto de pesquisa *Agência Comunicacional Humana e Conciliação de Metas*, vinculado à linha de pesquisa *Pragmática Cognitiva e Processos Interacionais* do grupo de pesquisa em *Pragmática Cognitiva* do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Unisul. Como antecipado, o estudo destaca o trabalho de face da personagem Lacie Pound no episódio *Queda livre* da série *Black Mirror*. Para tanto, do ponto de vista da epistemologia, mobilizam-se no campo da pragmática os conceitos de (trabalho de) face de Goffman (1967, 2011) e de face positiva e negativa de Brown e Levinson (1987); e, no campo da psicologia, os fundamentos da terapia cognitivo-comportamental de Aaron Beck (1963, 1964) e Judith Beck (2022). Do ponto de vista da metodologia, por sua vez, mobilizam-se os aparatos descritivo-explanatórios das teorias de conciliação de metas de Rauen (2014) e de relevância de Sperber e Wilson (1986, 1995).

Posto isso, o episódio foi analisado seguindo a perspectiva da personagem Lacie Pound. Cada cena foi analisada a fim de depreender (sub)metas e respectivos planos de ação intencional da protagonista. Nos casos de heteroconciliação de metas, portanto, envolvendo trocas comunicacionais, mobilizaram-se as ferramentas descritivo-explanatórias da teoria da relevância. Por fim, e de modo simultâneo, esses planos foram analisados a partir dos conceitos da teoria cognitivo-comportamental, com vistas a investigar os seus impactos no funcionamento cognitivo da personagem.

Os diálogos das interações comunicacionais foram transcritos integralmente a partir da versão dublada em português (brasileiro) do episódio disponível no serviço de *streaming* da *Netflix*. Além disso, para auxiliar a compreensão da trama, ilustram-se com imagens aspectos que extrapolam os limites dos processos de comunicação verbal.

À medida que a análise avança, retoma-se constantemente o diagrama de conceitualização cognitiva da personagem Lacie Pound (figura 21), que foi elaborado a partir do modelo proposto por Judith Beck (2022). O diagrama aborda aspectos da história de vida da personagem, os principais precipitantes que contribuíram para sua condição atual, suas crenças disfuncionais e as estratégias de enfrentamento para lidar com elas.

Figura 21 – Diagrama de conceitualização cognitiva de Lacie Pound

<b>HISTÓRIA DE VIDA</b>		
Interação com os pares na infância/adolescência (ex.: Naomi); vivência de um transtorno alimentar; relação com o irmão; insatisfação com o emprego; insatisfação com a vida amorosa; sociedade baseada em pontuação; busca por avaliações positivas para manter/aumentar a média.		
<b>PRECIPITANTES</b>		
Encontrar outro lugar para morar; ruptura da relação com o irmão; convite para ser madrinha de casamento.		
<b>CRENÇAS CENTRAIS</b>		
<b>Sobre si:</b> Eu não sou perfeita o bastante [para ser feliz].		
<b>Sobre as pessoas/mundo:</b> Todo mundo tem que se preocupar com os números.		
<b>Sobre o futuro:</b> Meu futuro depende do valor da minha média.		
<b>CRENÇAS INTERMEDIÁRIAS</b>		
<b>Pressupostos condicionais:</b> Se eu conseguir uma média alta, então vou ser perfeita o bastante [para ser feliz].		
<b>Atitudes:</b> É horrível não ser perfeita/feliz como as outras pessoas com médias altas (ex.: Naomi).		
<b>Regras:</b> Eu tenho que agradecer a todos o tempo todo.		
<b>ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO</b>		
Evitar discordâncias; cuidar da aparência; reprimir emoções/sentimentos.		
<b>SITUAÇÃO</b>		
Corretora de imóveis: “Não. Não. Não tem.” / “Você precisa ter por volta de 4.5.”	Ryan: “Até parece que você tem nota.”	<i>Coaching</i> : “[...] são pessoas de médio e baixo nível.”
<b>PENSAMENTO AUTOMÁTICO</b>		
“Eu não conseguirei alugar a casa com a minha nota.”	“Ele [Ryan] tem razão.”	“Se eles são pessoas de médio e de baixo nível, então isso significa que eu também sou.”
<b>EMOÇÃO</b>		
surpresa/frustração	tristeza/desapontamento	tristeza/desapontamento
<b>COMPORTAMENTO</b>		
Lacie: “4 ponto 5!” (em tom de surpresa) Buscar média 4.5 pontos.	Encontrar um <i>coaching</i> para aumentar a média para 4.5 pontos.	Buscar avaliações de pessoas de “alto nível” para aumentar a média para 4.5 pontos.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No que diz respeito à *história de vida*, Lacie Pound é uma mulher na faixa dos 30 anos<sup>22</sup>. Como mencionado, ela dividia uma casa alugada com seu irmão Ryan, supostamente mais novo. Não há informações sobre outros familiares, e poucos detalhes sobre sua infância e adolescência são revelados ao longo do episódio. Lacie é retratada como solitária, sem amigos próximos ou relacionamentos amorosos. Sua vida resume-se à sua rotina de interações em busca de avaliações positivas no aplicativo e a seu emprego em um escritório.

Além disso, a infância/adolescência da personagem foi marcada pela amizade com Naomi. Embora tratada como amiga, o episódio sugere que a relação entre elas era abusiva. Enquanto Naomi era o centro das atenções, Lacie sofria *bullying* de seus pares. Nesta fase de mudanças, Lacie não estava satisfeita com seu corpo e ressentia-se de que os meninos também não se sentiam atraídos por ela quando estava perto de pessoas como Naomi. Essas experiências negativas contribuíram para o desenvolvimento do transtorno alimentar de Lacie.

Em casa, seu laço mais próximo era com seu irmão, com o qual partilhava cada vez menos interesses. Lacie não estava contente com sua função atual e ambicionava cargos mais altos. Sem amigos próximos, acabou por desenvolver interações superficiais com as demais pessoas, o que fez com que ela nunca tivesse um relacionamento amoroso genuíno.

As experiências de vida de Lacie, num contexto de uma sociedade construída a partir do sistema de pontuações da rede social, moldaram suas crenças (*crenças centrais, crenças intermediárias e pensamentos automáticos*), reforçando sua obsessão por avaliações positivas e comportamentos (dis)simulados. Lacie adotava como *estratégias de enfrentamento* comportamentos como evitar discordâncias, cuidar da aparência e reprimir emoções ou sentimentos como forma de tentar obter avaliações positivas e evitar avaliações negativas. Em síntese, como sugere os comportamentos de sua dinâmica social, Lacie adotava estratégias de enfrentamento para projetar sua face positiva e conter/ocultar aspectos de sua face negativa que poderiam desagradar os outros.

Apesar dessas situações estressantes, os comportamentos de Lacie no início do episódio sugerem que ela estava em funcionamento estável. No entanto, o fato de ter de encontrar outro lugar para alugar foi *precipitante* para desestabilizar esse estado de coisas. Seu irmão Ryan moraria com outra pessoa, e Lacie estaria sozinha a partir dali. A relação entre eles piora com a última discussão, o que provavelmente levou a uma ruptura. O convite de Naomi para que Lacie fosse madrinha de seu casamento foi o estopim para que ela passasse experiências que alimentaram crenças (dis)funcionais.

---

<sup>22</sup> A atriz Bryce Dallas Howard tinha 34 anos quando interpretou a personagem.

No diagrama da figura 21, apresentam-se três exemplos de situações que ocorreram com a personagem ainda no início do episódio. A primeira situação (Queda Livre, 2016, 09:39-10:22) foi explorada no segundo capítulo. A lembrar, Lacie estava negociando o valor do aluguel com a corretora de imóveis, quando esta menciona um desconto concedido a usuários do programa de influenciadores *prime*. Lacie indaga sobre a nota necessária para participar do programa. Conforme a resposta da corretora e a reação da protagonista, é possível conjecturar que um pensamento automático semelhante a “eu não conseguirei alugar a casa com a minha nota” passou por sua mente. Supostamente é esse pensamento que demove Lacie a buscar o aumento da sua média para 4.5 pontos.

A segunda situação ocorre logo após a conversa com a corretora de imóveis (Queda Livre, 2016, 11:13-11:40). Lacie está em casa, quando Ryan pega o folheto do condomínio e questiona a viabilidade de alugar a casa: “Até parece que você tem nota”. Acionando o mecanismo orientado pela relevância, entre outras possibilidades plausíveis, Lacie processaria este enunciado culminando na explicatura potencial em (S<sub>1</sub>). Ademais, (S<sub>1</sub>) se combinaria com a suposição (S<sub>2</sub>), que agora já faz parte do seu conhecimento enciclopédico, para derivar por *modus ponens conjuntivo* a implicação contextual em (S<sub>3</sub>), como segue:

(S<sub>1</sub>) Ryan afirma à Lacie que até parece que Lacie tem nota suficiente na rede social para Lacie alugar a casa no condomínio *Pelican Cove* (premissa implicada da explicatura do enunciado de Ryan).

(S<sub>2</sub>) Lacie não tem 4.5 pontos na rede social para Lacie alugar a casa no condomínio *Pelican Cove* (premissa implicada da memória enciclopédica de Lacie).

(S<sub>3</sub>) Ryan tem razão em dizer que Lacie não tem nota suficiente na rede social para Lacie alugar a casa no condomínio *Pelican Cove* (conclusão implicada por *modus ponens conjuntivo* (S<sub>1</sub>∧S<sub>2</sub>→S<sub>3</sub>)).

Apesar de o enunciado de Ryan suscitar (S<sub>3</sub>) reforçando uma perspectiva pessimista em relação à capacidade de ela alugar a casa, desencadeando reações emocionais de tristeza e de desapontamento (figura 22, mais adiante), Lacie procura assistência de um *coaching* especializado na rede social, correspondendo a última situação proposta no diagrama de conceitualização cognitiva.

Nesta terceira situação (Queda Livre, 2016, 11:44-13:24), analisando o círculo social de Lacie, o *coaching* conclui que as pessoas com quem ela se relaciona: “[...] são pessoas de médio e baixo nível” (S<sub>1</sub>), levando-a a inferir por *modus ponens* que provavelmente também ela era de “médio e baixo nível” (S<sub>2</sub>):

Figura 22 – Interação entre Ryan e Lacie



Fonte: Queda Livre (2016).

- (S<sub>1</sub>) As pessoas do círculo social de Lacie são pessoas de médio e de baixo nível na rede social (premissa implicada da explicatura do enunciado do *coaching*).  
 (S<sub>2</sub>) Lacie é uma pessoa de médio e de baixo nível na rede social (conclusão implicada por *modus ponens* (S<sub>1</sub>→S<sub>2</sub>)).

A reação de tristeza e de desapontamento de Lacie diante da fala do *coaching* (figura 23) sugere que ela teve como pensamento automático algo como “se eles são pessoas de médio e de baixo nível, então isso significa que eu também sou”. Para ela tornar-se alguém de “alto nível”, precisaria interagir mais com pessoas bem classificadas na rede social. E foi justamente o que Lacie se propôs a fazer.

Figura 23 – Lacie consulta o *coaching* em rede social



Fonte: Queda Livre (2016).

Os significados desses três pensamentos automáticos estão intimamente ligados às crenças centrais da personagem, mais evidentemente, aquela sobre si mesma: “eu não sou perfeita o bastante [para ser feliz]”. Eles também forneceram dados que foram processados de modo a reforçar suas crenças, pois os exemplos mostraram situações nas quais a personagem se viu como inferior em relação aos demais. Ademais, concluir que sua média não é perfeita o bastante leva-a a inferir que ela não é perfeita o bastante.

As suposições (S<sub>1</sub>-S<sub>5</sub>), a seguir, resumem essa cadeia de inferências.

- (S<sub>1</sub>) Lacie não conseguirá alugar a casa com a nota de Lacie na rede social;  
 (S<sub>2</sub>) Ryan tem razão em dizer que Lacie não tem nota suficiente na rede social para Lacie alugar a casa no condomínio *Pelican Cove*;  
 (S<sub>3</sub>) Lacie é uma pessoa de médio e de baixo nível na rede social;  
 (S<sub>4</sub>) A média de Lacie na rede social não é perfeita o bastante (por *modus ponens conjuntivo*  $S_1 \wedge S_2 \wedge S_3 \rightarrow S_4$ ).  
 (S<sub>5</sub>) Lacie não é perfeita o bastante (por *modus ponens*  $S_4 \rightarrow S_5$ ).

Como as médias definem quem as pessoas são naquela sociedade, logo, a média é a pessoa. No decorrer da análise do episódio apresentada a seguir serão exploradas as informações que permitiram inferir que sua imperfeição está relacionada a alcançar um estado de felicidade abstrato.

### 3.2 ANÁLISE DO EPISÓDIO

O capítulo anterior foi concluído com a apresentação do plano de ação intencional de Lacie nos termos da teoria de conciliação de metas (Rauen, 2014), a partir da cena na qual ela é convidada por videochamada para ser madrinha de casamento de Naomi. Em seguida, a protagonista é confrontada por Ryan, que menciona eventos em que Naomi humilhou Lacie na infância/adolescência.

Ryan: “Ela sempre foi escrota com você.”  
 Lacie: “Não. Não foi.”  
 Ryan: “Ela... ela tinha uma rima sobre você.”  
 Lacie: “Era uma brincadeira.”  
 Ryan: “E quando ela cortou o seu cabelo?”  
 Lacie: “Eu pedi pra ela.”  
 Ryan: “Não foi ela que deu pro Greg?”  
 Lacie: “Para! Ela não deu pro... Greg.” [ri nervosamente]  
 (Queda Livre, 2016, 20:53-21:10).

Aqui vale notar que para cada enunciado do irmão Lacie contrapõe uma negação ou distorção. Conforme Judith Beck (2022), no processamento de informações, os indivíduos ajustam os dados a fim de fortalecer crenças, sejam elas funcionais ou disfuncionais. Na cena, Lacie molda ou nega os acontecimentos de modo que se acomodem às suas crenças pré-existentes.



(face negativa) para viver uma ilusão. Ele revela que no passado a irmã não agia da mesma forma e, aparentemente, não era obcecada por avaliações como agora (trabalho de face positiva), sugerindo, a partir de seu ponto de vista que Lacie tinha cognições mais flexíveis.

Figura 25 – Plano de ação intencional de Lacie

Q – Alugar casa nas condições do programa de influenciadores <i>prime</i> , Lacie
P – Participar do programa de influenciadores <i>prime</i> , Lacie
O – Aumentar média para 4.5 pontos, Lacie
N – Obter avaliações positivas de pessoas com médias altas, Lacie
M – Participar como madrinha do casamento de Naomi, Lacie
L – Validar plano, <i>coaching</i>
L – <i>Coaching</i> validou o plano
M – Lacie participará como madrinha do casamento de Naomi
N – Lacie obterá avaliações positivas de pessoas com médias altas
O – Lacie aumentará a média para 4.5 pontos
P – Lacie participará do programa de influenciadores <i>prime</i>
Q – Lacie alugará casa nas condições do programa de influenciadores <i>prime</i>
P – Reservar o imóvel, Lacie
O – Adiantar um pagamento do aluguel, Lacie
O – Lacie adianta um pagamento do aluguel
P – Lacie reserva o imóvel
Q – Lacie alugará casa nas condições do programa de influenciadores <i>prime</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Ryan: “**Desculpa, mas eu sinto falta de quando você era normal, antes dessa... dessa sua obsessão, quando a gente conversava. Você se lembra?**”

Lacie: “O meu carregador...” [ignorando a conversa]

Ryan: “Toda essa história do ranking, você... só fica se comparando com toda essa gente...”

Lacie: “Você viu meu carregador?” [ignorando a conversa]

Ryan: “... que só finge ser feliz.”

Lacie: “Eu disse: não pega o meu!” [com raiva]

Ryan: “Os 4 e tantos que a Naomi tem, eu aposto que eles são suicidas por dentro.” (Queda Livre, 2016, 24:18-24:40).

Os comportamentos de Lacie sugerem que ela desconsidera os argumentos de Ryan. Contudo, nos próximos turnos, Lacie reclama de aspectos da convivência com o irmão que a incomodam, incluindo o receio que algum parceiro amoroso o conhecesse, chegando a insultá-lo de “senhor 3 ponto bosta” (Queda Livre, 2016, 25:04-25:06). Lacie, pela primeira e única vez, avalia negativamente alguém, justamente seu irmão, com quem ela manteve laços mais próximos. A situação fica tensa, e ele acaba retribuindo a avaliação negativa da irmã, que reage surpreendida (figura 26).<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Dada a discussão, Lacie recebe também uma estrela de um motorista de aplicativo, que cancela a corrida.

Figura 26 – Lacie e Ryan discutem



Fonte: Queda Livre (2016).

Aqui vale destacar que Lacie não hesitou em preservar sua face negativa a sós com seu irmão. Ela não esconde insatisfações e profere insultos, algo que seria imediatamente punido na rede social. Não sem motivo, com seus colegas de trabalho, a corretora de imóveis, o *coaching* e, principalmente, Naomi, ela trabalha sua melhor face positiva pública, mesmo que isso a levasse a reprimir desejos, sentimentos ou opiniões artificialmente.

Enquanto se dirigia nervosa a um outro carro que a levaria até ao aeroporto, Lacie esbarra acidentalmente em uma mulher que passava pela calçada, rendendo-lhe mais uma avaliação negativa. Já no carro, atende uma videochamada de Naomi. Durante a conversa, revela-se que Lacie havia sofrido com um transtorno alimentar na época em que as duas eram amigas próximas, algo que Naomi prefere ser ocultado no discurso no casamento.

Como esperado, Lacie concorda.

Naomi: “Só uma observação. Eu ter te ajudado com o seu **distúrbio alimentar...**”  
 Lacie: “Você acha que é um pouco...”  
 Naomi: “Informação demais, é.”  
 Lacie: “Tem toda razão. Já era.”  
 (Queda Livre, 2016, 26:42-26:52).

Lacie finalmente chega ao aeroporto e, como sempre faz com desconhecidos, avalia positivamente o motorista. No entanto, é dessa vez surpreendida com uma retribuição de apenas uma estrela (supostamente, porque não havia apreciado o tom histérico da conversa que ela teve ao telefone durante a viagem). Repare-se na figura 27, a seguir, que ela presta atenção apenas à avaliação do motorista (leia-se: essa avaliação é relevante), mas não ao valor mais preciso da média 4.183. Como se verá adiante, essa média tem consequências em seu embarque. Alheia, portanto, aos efeitos cumulativos das avaliações negativas ao longo do caminho, Lacie segue com seu plano, de tal forma que a próxima (sub)meta é embarcar no avião e a ação antecedente esperada nesse caso é a de fazer o *check in* no balcão de atendimento da companhia aérea, onde é surpreendida com o cancelamento do seu voo.

Figura 27 – Lacie e motorista de aplicativo



Fonte: Queda Livre (2016).

Diante da notícia, ela elabora um plano alternativo de reservar um assento em outro voo (figura 28) e, para isto, necessita da colaboração da atendente (heteroconciliação), perguntando quando é o próximo voo. A propósito, como explica Luciano (2014), diante de inconciliações, os indivíduos tendem a produzir um balanço entre conformar-se com as consecuições  $\rightarrow Q$ , desistindo da meta, ou reagir a essas consecuições, persistindo na meta  $Q$ , mediante a elaboração de planos de ação intencionais contingenciais (plano b, c, ... n).

Figura 28 – Primeiro (sub)plano de ação intencional de Lacie

<p>Q – Viajar de avião até a cidade do casamento de Naomi, Lacie</p> <p>P – Reservar um assento em outro voo, Lacie</p> <p>O – Informar atendente do desejo de Lacie de Lacie reservar um assento em outro voo, Lacie</p> <p>N – Comunicar atendente do desejo de Lacie de Lacie reservar um assento em outro voo, Lacie</p> <p>M – Enunciar “<b>E, quando é o próximo voo?</b>”, Lacie</p>
---

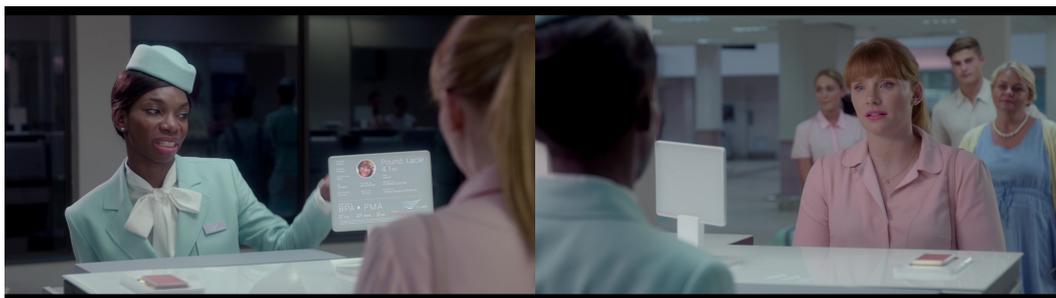
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Resulta desse pedido a seguinte interação:

Lacie: “**E, quando é o próximo voo?**” [...]  
 Atendente do aeroporto: “Tem um assento livre em outro voo que parte esta noite.”  
 Lacie: “Oh!” [em tom de alívio]  
 Atendente do aeroporto: “Ah... ele é reservado pra membros do nosso programa do voo prime. Você tem que ser uma 4.2 ou mais.”  
 Lacie: “Oh! Eu sou uma 4.2!”  
 Atendente do aeroporto: “Hum-hum.” [em tom de negação]  
 [atendente mostra tela do computador para Lacie]  
 Atendente do aeroporto: “Eu acho que você é uma 4.18. Desculpe.”  
 (Queda Livre, 2016, 27:44-28:22).

Lacie se surpreende ao descobrir que sua média havia caído para 4.183 pontos, impedindo-a de reservar um lugar exclusivo para membros do programa de voo *prime* da companhia aérea, que exigia uma média mínima de 4.2 pontos. Até então, Lacie estava convicta que ainda era 4.2: “Oh! Eu sou uma 4.2!”. Foi somente quando a atendente do aeroporto enuncia que Lacie é uma 4.18, mostrando a tela do seu computador que confirma essa informação, que ela percebe que sua média havia diminuído (figura 29).

Figura 29 – Interação entre Lacie com a atendente do *check in* do aeroporto



Fonte: Queda Livre (2016).

Como proposto por Sperber e Wilson (1995), uma informação nova pode entrar em contradição com uma informação antiga fortemente endossada pelo indivíduo. Neste caso, a força das suposições contextuais será levada em consideração, e a suposição mais fraca será abandonada. Na cena, Lacie tinha a informação antiga de que ainda estava com 4.2 pontos. Mesmo checando sua rede social antes de chegar no balcão de atendimento, o valor da média não foi suficientemente relevante, pois o que supostamente mais havia chamado sua atenção naquele momento foi a avaliação negativa do motorista. A informação nova da atendente e o *input* visual da sua nota atual na tela do computador fornecem evidências mais fortes sobre sua nova média, sugerindo que a informação antiga é aquela a ser descartada. Além disso, essa informação gera a implicação contextual de que ela não poderá reservar um assento em outro voo, frustrando seu plano alternativo de conseguir viajar de avião (figura 30).

Figura 30 – Resultado do primeiro (sub)plano de ação intencional de Lacie

<p>–P – Lacie não reservará um assento em outro voo          –Q – Lacie não viajará de avião até a cidade do casamento de Naomi</p>
---

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Lacie sente-se injustiçada: seu voo havia sido cancelado sem aviso, e a companhia aérea não lhe oferecera uma explicação. Em consequência, ela se desespera e profere palavras ofensivas à atendente (outra emergência de preservação de sua face negativa, agora pública). As demais pessoas da fila punem Lacie com avaliações negativas, e a atendente chama a segurança do aeroporto acusando-a de “intimidação e palavrões” (Queda Livre, 2016, 29:20-29:22). Lacie não consegue preservar sua face positiva nessa situação de estresse e é sumariamente punida. Sem chances de defesa, o segurança lhe aplica punições rigorosas, resultando numa queda da sua média para 3.183 pontos pelas próximas 24 horas. Além disso, quaisquer avaliações negativas dirigidas a ela agora teriam o dobro do impacto em sua média: ‘*double damage*’. Pior, antes de deixar o aeroporto, Lacie recebe uma avaliação negativa da atendente, que lhe sorri sarcasticamente (figura 31).

Figura 31 – Interação de Lacie com o segurança do aeroporto



Fonte: Queda Livre (2016).

Dado que Lacie persiste em participar do casamento e seu plano de pegar o avião foi inviabilizado, ela então se propõe a alugar um carro (figura 32).

Figura 32 – Primeiro plano de ação intencional contingencial de Lacie

<p>Q – Participar como madrinha do casamento de Naomi, Lacie  P – Viajar de avião até a cidade do casamento de Naomi, Lacie  ¬P – Lacie não poderá viajar de avião até a cidade do casamento de Naomi  ¬Q' – Lacie não participará como madrinha do casamento de Naomi  <b>¬Q' versus Q</b>  Q – Participar como madrinha do casamento de Naomi, Lacie  P – Viajar de carro até a cidade do casamento de Naomi, Lacie  O – Alugar carro, Lacie</p>
--

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Em função de sua média, Lacie é constrangida a alugar um carro antigo e empoeirado da frota econômica. Já dirigindo, Lacie explica a Naomi que não havia conseguido pegar o avião e estava a caminho de carro, faltando para o jantar de véspera. Naomi sugere substituí-la, caso necessário, mas Lacie afirma que chegará a tempo.

Logo adiante, o carro começa a descarregar, e ela se vê obrigada a parar em um posto de abastecimento, cujos carregadores não eram compatíveis com o plugue do veículo. Ela pede auxílio ao atendente, que lhe informa que a solução seria obter um adaptador adequado. Como Lacie não dispõe desse adaptador, pede um ao atendente (figura 33).

Figura 33 – Segundo (sub)plano de ação intencional de Lacie

<p>Q – Continuar a viagem de carro até a cidade do casamento de Naomi, Lacie  P – Carregar a bateria do carro, Lacie  O – Obter um adaptador, Lacie  N – Informar atendente do desejo de Lacie de obter um adaptador, Lacie  M – Comunicar atendente do desejo de Lacie de obter um adaptador, Lacie  L – Enunciar “<b>Não. Você tem um?</b>”, Lacie</p>
--

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Veja-se o diálogo:

Atendente do posto: “[...]. Não te deram um adaptador?”  
 Lacie: **“Não. Você tem um?”**  
 Atendente do posto: “Aqui não. É só pedir pra alguém” [desinteressado].  
 Lacie: “Obrigada mesmo assim. Você foi muito prestativo.”  
 [Lacie avalia atendente com cinco estrelas].  
 [Atendente avalia Lacie com duas estrelas].  
 Lacie: “Duas estrelas?!” [com raiva].  
 Lacie: “Duas estrelas?” [com afabilidade].  
 Atendente do posto: “É que não foi um grande encontro.”  
 (Queda Livre, 2016, 35:23-35:52).

Além de não obter um adaptador do atendente e de ter dado cinco estrelas desmerecidas para seu atendimento desleixado, Lacie recebe em retorno uma avaliação de apenas duas estrelas. Ainda que frustrada e estressada, Lacie contém seu ímpeto de preservar sua face negativa (figura 34).

Figura 34 – Interação de Lacie com o atendente do posto de abastecimento



Fonte: Queda Livre (2016).

Lacie ainda tenta pedir sem sucesso um adaptador para outros usuários do posto de abastecimento (figura 35).

Figura 35 – Resultado do segundo (sub)plano de ação intencional de Lacie

<p>–P – Lacie não carregará a bateria do carro          –Q – Lacie não continuará a viagem de carro até a cidade do casamento de Naomi</p>
--

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Impossibilitada de continuar a viagem com o carro alugado, Lacie decide pedir uma carona, pois já era noite e não teria acesso a outro meio de transporte naquele momento (figura 36). Mais uma vez, ela faz um balanço entre suas (sub)metas e decide por persistir em seu plano inicial (Luciano, 2014).

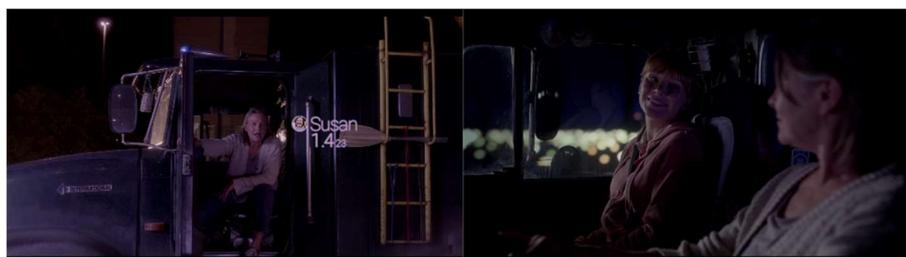
Figura 36 – Segundo plano de ação intencional contingencial de Lacie

<p>Q – Participar como madrinha do casamento de Naomi, Lacie</p> <p>P – Viajar de carro até a cidade do casamento de Naomi, Lacie</p> <p>¬P’ – Lacie não continuará a viagem de carro até a cidade do casamento de Naomi</p> <p>¬Q’ – Lacie não participará como madrinha do casamento de Naomi</p> <p><b>¬Q’ versus Q</b></p> <p>Q – Participar como madrinha do casamento de Naomi, Lacie</p> <p>P – Viajar de carona até a cidade do casamento de Naomi, Lacie</p> <p>O – Pedir uma carona, Lacie</p>
--

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Lacie tenta caronas várias vezes. Contudo, dada sua média de 2.8, as pessoas não somente não se arriscavam a ajudá-la, mas também a puniam com mais avaliações negativas. Esse estado de coisas persiste até que um caminhão para, e a motorista oferece uma carona. Embora receosa em relação à média 1.423 pontos da caminhoneira Susan, Lacie aceita a oferta e as duas seguem viagem (figura 37).

Figura 37 – Interação de Lacie com a caminhoneira Susan



Fonte: Queda Livre (2016).

No início da viagem, a motorista oferece à Lacie a opção entre café contido em uma garrafa azul ou uísque em uma garrafa vermelha, possivelmente, uma referência a outra produção distópica, o filme *Matrix* (1999)<sup>24</sup>. Em seguida, compartilha sua própria história de vida<sup>25</sup>, supostamente para tentar fazer Lacie refletir sobre a importância real das notas e médias naquela sociedade. Lacie, por sua vez, fica surpresa com o fato de que Susan já havia sido muito popular no passado com média 4.6.

<sup>24</sup> Nessa produção, o personagem Morpheus oferece ao protagonista Neo, a escolha entre uma pílula azul (continuar ignorante à verdade) e uma pílula vermelha (descobrir a verdade), e Neo opta por ingerir a pílula vermelha. Susan deixa como presente de despedida para Lacie a garrafa vermelha de uísque como “uma bela saída de emergência”, que, posteriormente, será usada pela protagonista.

<sup>25</sup> No contexto clínico da terapia cognitivo-comportamental o que a motorista faz assemelha-se à técnica de autoexposição. Nessa técnica, o terapeuta revela na sessão algum aspecto da sua experiência pessoal que possa contribuir para um propósito específico no tratamento (Beck, J., 2022).

Susan conta que seu marido falecera devido às complicações de um câncer muito agressivo. Na época, havia um tratamento experimental reservado para usuários com médias maiores. Mesmo adulando os profissionais de saúde, Susan não conseguira reverter a situação, e outro paciente com uma média 0.1 maior passou na frente de seu marido. A partir daquele momento, a motorista percebeu que estratégias de trabalho de face eram inúteis para atingir os padrões impostos pelo sistema: ela perdera o que era mais precioso. Como resultado, Susan decidira ser mais verdadeira sem se importar com as notas, leia-se, preservando sua face negativa. Contudo, ao sugerir que Lacie experimentasse essa sensação, a protagonista argumenta em contrário.

Lacie: “Olha. Você tinha coisas na vida. Coisas reais, coisas boas, mas... você perdeu tudo e eu lamento, então, agora você não tem mais nada a perder, mas eu ainda não tenho nem o que perder por enquanto, eu ainda estou lutando por isso.”

Susan: “E o que é... ‘isso’?”

Lacie: “Eu não sei. O bastante pra ser feliz. Pra olhar em volta e pensar ‘bom eu acho que... que eu tô bem’. Poder, sabe?! Respirar sem sentir que... que... que tipo... Ah! E isso tá muito longe, muito, muito longe, e até chegar lá, eu tenho que me preocupar com os números. Todo mundo tem. É a vida. É como a porra do mundo funciona.”

(Queda Livre, 2016, 42:02-42:57).

Este diálogo releva algumas crenças importantes da personagem, apresentadas anteriormente no diagrama da figura 21, em especial no que se refere às crenças centrais e intermediárias. Lacie diz que não pode ser como Susan, pois, ao contrário da motorista, ela ainda não tem sequer o que perder. Susan então indaga sobre o que seria o ‘isso’ que Lacie tanto deseja obter com as notas, ao que Lacie responde: “o bastante para ser feliz”.

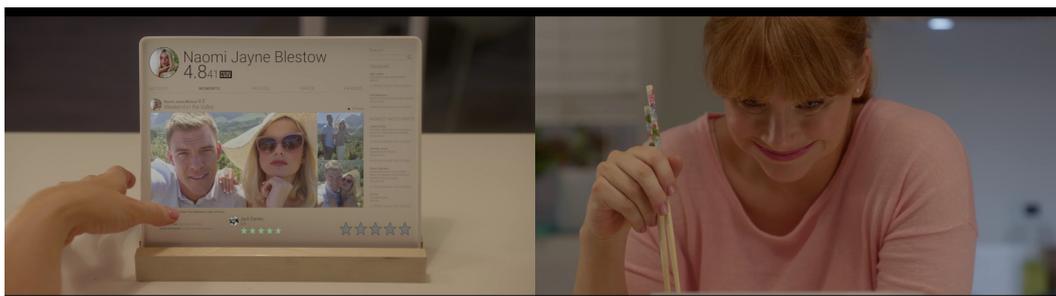
Como proposto, a crença central de Lacie sobre si “eu não sou perfeita o bastante [para ser feliz]” compartilha sentidos com “minha média não é perfeita o bastante, logo, eu não sou perfeita o bastante”, visto que a média influencia a forma como as pessoas se veem naquela sociedade. O enunciado de Lacie “o bastante para ser feliz” justifica sua crença de imperfeição estar vinculada com estados emocionais abstratos, algo como (S<sub>1</sub>):

(S<sub>1</sub>) Lacie precisa de uma média alta o bastante para Lacie ser feliz.

A partir disto, é possível conjecturar que Lacie estava funcionando conforme as crenças intermediárias: “se eu conseguir uma média alta, então vou ser perfeita o bastante [para ser feliz]” (pressuposto condicional); “é horrível não ser perfeita/feliz como as outras pessoas com médias altas” (atitude); e “eu tenho que agradar a todos o tempo todo” (regra).

Essa atitude se expressa nas cenas em que Lacie visita os perfis de outras pessoas na rede social dando especial atenção ao perfil de Naomi, e sorri ao ver as fotos de uma vida perfeita e romântica compartilhadas pela amiga (figura 38). Para que Lacie replicasse Naomi, seu modelo idealizado, ela deveria continuar agindo de modo a intensificar a regra de agradar aos outros a qualquer custo (trabalho de face positiva) para aumentar sua média.

Figura 38 – Lacie visita o perfil de Naomi na rede social



Fonte: Queda Livre (2016).

Logo em seguida, no diálogo com Susan, Lacie expressa a crença central sobre as pessoas ou sobre o modo de funcionamento do mundo que sustenta a sua crença central sobre si mesma:

(S<sub>1</sub>) Todo mundo tem que se preocupar com os números da rede social (premissa implicada / crença central sobre as pessoas ou sobre o modo de funcionamento do mundo).

(S<sub>2</sub>) Lacie tem que se preocupar com os números da rede social de Lacie (conclusão implicada por *modus ponens* S<sub>1</sub>→S<sub>2</sub>).

Para a protagonista, aumentar a média seria a única forma de alcançar a felicidade almejada, culminando na crença central em relação ao seu futuro: “meu futuro depende do valor da minha média”. Embora Lacie tenha supostamente compreendido parte dos argumentos de Susan em alguma medida, os eventos subsequentes sugerem que isso não teria sido suficiente para mudanças cognitivas com relação às suas (sub)metas. As pistas dessa conversa sugerem que Lacie tinha um plano de ação intencional não articulado que incluía uma meta abstrata de nível mais alto “ser feliz”, que se realizaria mediante o aumento de média e o aluguel da casa no condomínio. Isso converge com a hipótese da sua crença intermediária: “se eu conseguir uma média alta, então vou ser perfeita o bastante [para ser feliz]” (pressuposto condicional).

Susan segue viagem e deixa Lacie em uma parada de caminhões, onde ela precisou procurar por outra carona. Enquanto estava no banheiro, Lacie ouve a conversa de

duas mulheres que estavam indo para uma convenção em Port Mary, justamente a cidade do casamento de Naomi. Lacie arma o plano de ação intencional de pesquisar sobre o evento e fingir ser uma fã para conseguir uma carona com a convenção (figura 39).

Figura 39 – Terceiro (sub)plano de ação intencional de Lacie

Q – Viajar de carona até Port Mary, Lacie
P – Pedir carona, Lacie
O – Fingir ser uma fã da convenção Tranquility Con, Lacie
N – Informar mulheres do desejo de Lacie de ir para a cidade do evento, Lacie
M – Comunicar mulheres do desejo de Lacie de ir para a cidade do evento, Lacie
L – Enunciar <b>“Vocês estão indo pra Tranquility Con?”</b> , Lacie

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Munida de informações, Lacie elabora uma história fictícia para heteroconciliar sua (sub)meta com as participantes do evento.

Lacie: **“Vocês estão indo pra Tranquility Con?”**  
 Mulher: “Você curte Sea of Tranquility?”  
 Lacie: “É lógico. Eu tava pronta pra ir e a minha amiga que já está lá levou a minha fantasia, mas... sabe o meu carro acabou de quebrar.”  
 Mulher: “Bom... tem espaço no motorhome.”  
 [Lacie entra no motorhome]  
 (Queda Livre, 2016, 45:03-45:27).

Como será visto em seguida, embora Lacie tenha conseguido pegar carona com a convenção, esse (sub)plano será parcialmente bem-sucedido (figura 40).

Figura 40 – Resultado do terceiro (sub)plano de ação intencional de Lacie

P – Lacie pediu carona
–Q’ – Lacie não viajou de carona até Port Mary

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Durante a viagem, Lacie é surpreendida por uma ligação de Naomi, que a desconvida do casamento por causa da queda drástica em sua pontuação na rede social. Lacie tenta contra-argumentar, mas Naomi não quer arriscar cair no ranqueamento.

Lacie: “Oi, Nay. Então, eu tive uma noite insana, mas agora eu to muito, muito perto.”  
 Naomi: “Não vem.”  
 Lacie: “O que? Não. Não. Não. Eu... eu tô a uma hora daí.”  
 Naomi: “Não vem. Eu não te quero aqui. Eu não sei o que deu em você, mas não posso ter uma 2/6 no meu casamento.”  
 (Queda Livre, 2016, 46:00-46:20).

Elas se exaltam e discutem o real motivo pelo qual Naomi a convidou para ser sua madrinha de casamento. No final das contas, o plano beneficiaria ambas com o aumento da média, mas agora que Lacie está com apenas 2.6 pontos, isso acabaria fazendo com que a média de Naomi também despencasse.

Lacie: “Você disse que queria sua amiga mais antiga.”

Naomi: “Quando eu te pedi pra falar você era uma 4.2, tá. Autenticidade de uma 4 poucos do meu passado, em um evento desse calibre, deu um resultado fantástico em todas as simulações. A previsão era de um aumento de prestígio de no mínimo 1.2. Mas agora você é uma sub-3. Desculpa. Isso já é baixo demais, de verdade. Isso pega mal pra gente.”

Lacie: “Então era só uma questão de números?”

Naomi: “Ah! Não vem com essa. Era números pra nós duas. Você queria aqueles votos premium, não tenta negar. Você não conseguiria sozinha. Sejamos francas.” (Queda Livre, 2016, 46:46-47:20).

O enunciado “você disse que queria sua amiga mais antiga” e as reações de Lacie sugerem que ela considerava Naomi como amiga. No entanto, as falas de Naomi sugerem que se tratava de um convite de conveniência mútua.

Além disso, a crença central de Lacie sobre si mesma foi fortalecida, pois Naomi forneceu evidências de que não a considerava como “perfeita” o bastante para estar no casamento devido a sua média. Ao que parece, isso fez com que Lacie fosse desafiada a evitar contato com essa crença, utilizando-se para esse fim a ativação do seu pressuposto condicional (crença intermediária) de que se ela aumentasse sua média então seria perfeita o bastante como os demais e, enfim, poderia alcançar a felicidade idealizada. Assim, a despeito do desconvite, Lacie insiste dizendo que comparecerá ao casamento de qualquer forma para conquistar as avaliações positivas dos convidados por meio do seu discurso de madrinha.

Lacie: “Ah, eu... eu vou conseguir esses votos.”

Naomi: “O que?! Você vai aparecer aqui e tentar fazer as pessoas gostarem de você?”

Lacie: “Exatamente. Eu vou aparecer e fazer o meu discurso.”

Naomi: “Não! Não vai!”

Lacie: “Ah! Eu vou sim! E eles vão me encher de estrelas quando me ouvirem. Todo mundo vai chorar pra caralho.”

Naomi: “Vai! Embora!”

[Naomi encerra a ligação]

Lacie: “Alô?”

Lacie: “Merda!”

(Queda Livre, 2016, 47:20-47:46).

Neste ponto, Lacie tem um conflito entre um dado da realidade (o desconvite) e suas (sub)metas. A personagem tenta negar este novo dado para que suas cognições

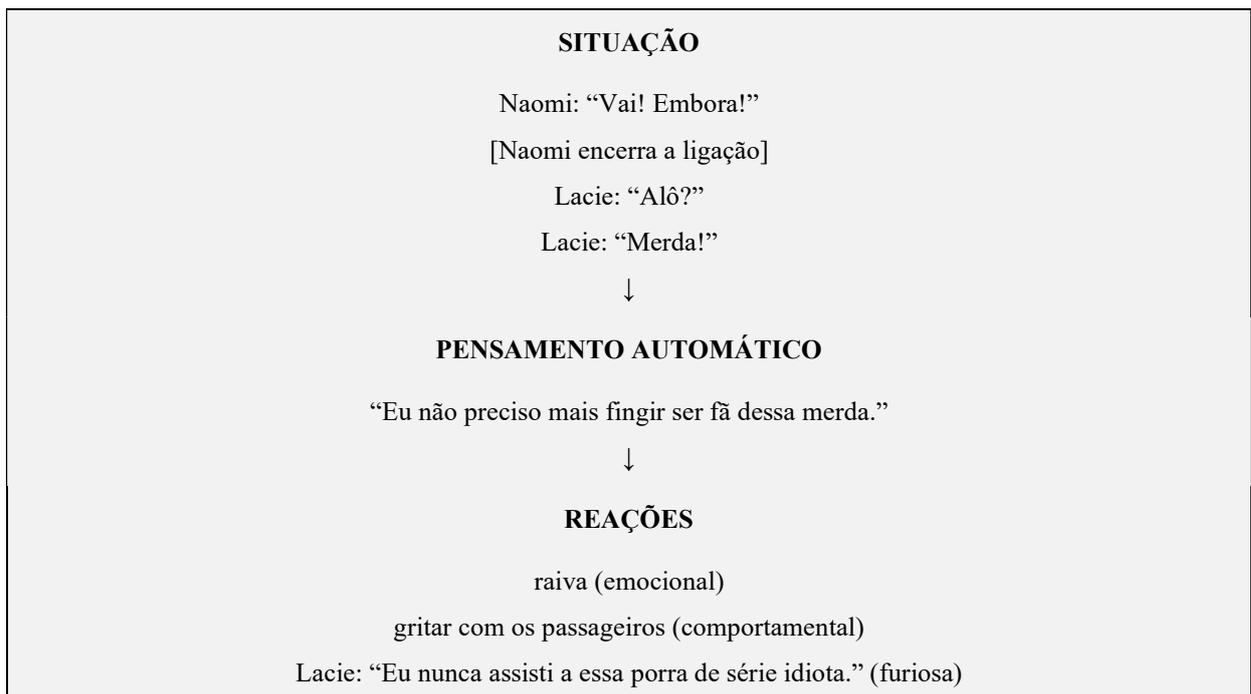
permaneçam intocadas. A despeito disso, em alguma medida, elas foram estremecidas e, desta vez, a protagonista teria que lidar com as consequências no mundo. Até o momento Lacie estava funcionando a partir da regra (crença intermediária) “eu tenho que agradar a todos o tempo todo”. Com o desconvite, outras crenças intermediárias poderiam ganhar relevância.

Como Lacie estava falando alto, os passageiros ouviram a briga e inferiram que ela estava fingindo ser uma fã do evento, manipulando-os para chegar até o seu verdadeiro destino. Todos esses dados serviram como premissas implicadas para derivar a implicação contextual em (S<sub>1</sub>) de que Lacie não precisaria mais continuar fingindo ser uma fã do evento.

(S<sub>1</sub>) Lacie não precisa mais fingir ser uma fã do evento.

O encerramento abrupto da ligação serviu como corte para o modelo cognitivo proposto na figura 41, a seguir, que inclui a respectiva suposição em (S<sub>1</sub>).

Figura 41 – Modelo cognitivo II de Lacie Pound



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Judith Beck (2022) ressalta que os modelos cognitivos são úteis para demonstrar teoricamente a interação entre os seus componentes, que podem se influenciar mutuamente durante o processamento cognitivo. Como proposto por Aaron Beck (1963, 1964), as interpretações das situações exercem forte influência sobre o estado emocional do indivíduo.

No caso de Lacie, a emoção de raiva desencadeada pelo desconvite, pela revelação da falsa amizade e pelo interesse apenas nas notas, foi mais relevante do que as suas (sub)metas. Indignada, Lacie perde o controle e acaba confessando para os passageiros da convenção que não é uma fã do evento para o qual estão indo. Como resultado, é expulsa do ônibus e deixada no acostamento da estrada.

Até então, Lacie havia enfrentado várias situações consideradas injustas, que desafiaram suas cognições: a discussão no *check in* e a subsequente punição do segurança; o tratamento desleixado no posto de abastecimento; o desconvite para o casamento; além das várias avaliações negativas fúteis ao longo do caminho. Lacie mantinha um padrão de comportamentos verbais e não verbais como forma de expressar quem ela é, coerente com seu trabalho de face (Goffman, 1967) positivo (Brown; Levinson, 1987). No entanto, os infortúnios ao longo do caminho diminuem sua média e desafiam esse alinhamento.

Segundo Goffman (1967), as pessoas vivenciam respostas emocionais quando suas faces interagem com os outros. Dessa forma, quando alguém percebe que sua face está alinhada, é provável que responda com sentimentos de confiança e convicção. Por outro lado, quando sente que está com a face errada ou fora de face, pode sentir-se mal ou ofendida. O convívio social se revelou uma ameaça à sua face, uma vez que não recebe apoio público. O desconvite e as revelações de Naomi constituem um ponto de inflexão crucial em direção à dissonância da manutenção da face positiva de Lacie e a consequente emergência de comportamentos, mesmo que automáticos, mais bem qualificados como valorizadores de sua face negativa (seu direito de não ser compelida a agradar os outros, mas de preservar seu espaço de liberdade). Isso mostra como a manutenção de uma face essencialmente positiva em situações conflitantes pode paradoxalmente indicar tanto uma forma de autocontrole e de gerenciamento da imagem pública como ser fonte de pressão e estresse emocional.

Esse estresse sugere fazer emergir um plano de ação intencional que roda em paralelo ao original e que ganha cada vez mais força ao longo do final do episódio. Nesse caso, a hipótese abduativa antifactual assumida *a priori* por Lacie como categórica (ela tinha uma convicção cega de que tudo convergiria para o aumento de sua média e aumento de sua felicidade com o aluguel da casa) vai perdendo força em direção a ser pelo menos habilitadora (o discurso no casamento habilitaria, mas não garantiria o aumento da média). Por outro lado, percebe-se um incremento de atitudes contrárias a esse plano, pois tudo o que Lacie fará em seguida, preservando seu direito de indignação, concorre para diminuir ainda mais sua média.

Contudo, apesar desses comportamentos contraditórios, o que segue na história sugere que seu pressuposto condicional “se eu conseguir uma média alta, então vou ser

perfeita o bastante [para ser feliz]” (crença intermediária), ainda que abalado, continua em funcionamento. É justo quando Lacie se vê sem alternativas, que ela decide por ingerir o uísque da garrafa vermelha dado pela motorista Susan como “uma bela saída de emergência” (figura 42), numa clara intertextualidade com o enredo de Matrix (1999). Apesar do desconvite de Naomi, Lacie está tão determinada a chegar ao casamento de qualquer maneira que se joga na frente dos carros em uma tentativa desesperada de conseguir uma carona. Sem sucesso, ela xinga os carros, que a desviam para não atropelá-la.

Figura 42 – Lacie bebendo uísque à beira da estrada



Fonte: Queda Livre (2016).

Supostamente influenciada pelo álcool, Lacie sai da pista, avista um homem pilotando um quadriciclo, e decide pedi-lo emprestado. Neste plano, observe-se que a meta  $Q^*$  não é a mesma quando Lacie recebera o convite de Naomi (figura 43).

Figura 43 – Terceiro plano de ação intencional contingencial de Lacie

<p>Q – Participar como madrinha do casamento de Naomi, Lacie  P – Viajar de carona até Port Mary, Lacie  ¬P – Lacie não continuará a viagem de carona até Port Mary  ¬Q' – Lacie não participará como madrinha do casamento de Naomi, Lacie  <b>¬Q' versus Q</b>  Q* – Participar como madrinha do casamento de Naomi, Lacie  P – Viajar de quadriciclo até Port Mary, Lacie  O – Pedir quadriciclo emprestado, Lacie</p>
---

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como tentativa de heteroconciliar o (sub)plano de ação intencional em pauta (figura 44), Lacie enuncia “Você pode emprestar sua moto?” ao piloto (Queda Livre, 2016, 48:48-48:51).

Figura 44 – Quarto (sub)plano de ação intencional de Lacie

<p>Q – Viajar de quadriciclo até Port Mary, Lacie  P – Pedir quadriciclo emprestado, Lacie  O – Informar homem do desejo de Lacie de Lacie pilotar seu quadriciclo emprestado, Lacie  N – Comunicar homem do desejo de Lacie de Lacie pilotar seu quadriciclo emprestado, Lacie  M – Enunciar “<b>Você pode emprestar sua moto?</b>”, Lacie</p>
---

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A Lacie, então, aparece pilotando o quadriciclo em alta velocidade, sugerindo ter conseguido obtê-lo emprestado, embora a sequência de tomadas não revele como ela convence o piloto (figura 45).

Figura 45 – Resultado do quarto (sub)plano de ação intencional de Lacie

<p>P – Lacie pediu o quadriciclo emprestado  Q – Lacie viajou de quadriciclo até Port Mary</p>
--

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Lacie ultrapassa de forma imprudente todos os veículos que encontra pelo caminho (figura 46), e várias notificações de avaliações negativas começam a soar, indicando que sua média estava agora despencando.

Figura 46 – Lacie ultrapassa de modo imprudente vários veículos



Fonte: Queda Livre (2016).

Lacie chega à barreira que controla o acesso ao local do casamento e percebe que, sem exceções, somente pessoas com média de 3.8 pontos ou mais poderiam entrar. Ato contínuo, ela decide invadir o local, ignorando as regras, e acabando por cair num lamaçal.

Enfim, chega ao casamento, justamente na fase dos discursos dos padrinhos e madrinhas. Suja de lama, ainda que vestida como madrinha, ela aparece na cerimônia obstinada a proferir seu discurso como se não houvesse sido desconvidada. Nesse ponto, já ostentava 1.1 pontos, causando desconforto entre os convidados.

Potencializada pelo álcool, Lacie deixa fluir sua face mais autêntica. Por algum tempo, ela diverte os convidados, mas seu comportamento depreciativo promove avaliações negativas adicionais. Embora tivesse ensaiado lágrimas falsas, desta vez chora genuinamente. Ela não consegue manter a personagem (figura 47) e agora relata eventos em que fora humilhada por Naomi em sua infância/adolescência.

Figura 47 – Participação de Lacie no casamento de Naomi



Fonte: Queda Livre (2016).

Acreditando que Naomi a considerava inferior (pensamento automático, que sugere que sua cognição de “não ser perfeita o bastante” vinha sendo moldada desde aquelas experiências), Lacie confessa sua insatisfação com o corpo, comparando-o com o de Naomi, segundo ela, desejado por todos.

Lacie: “Eu admirei a Naomi quase a minha vida inteira, o que **significa que ela me via como inferior**, mas sempre com um sorriso. No ensino médio era no ombro dela que eu chorava, ela parecia gostar disso. E eu nunca me dei bem com os meninos, eles viam a Naomi e ‘uh’, já era, ela tinha uma bunda tão dura. Parecia um... dois punhos. Eu era toda [chacoalhando] tipo... [chacoalhando] pelos corredores da escola [chacoalhando].”  
 [Lacie ri histericamente]  
 [Lacie começa a chorar]  
 (Queda Livre, 2016, 53:32-54:43).

Em dado momento, Lacie sugere que Naomi teve influência no desenvolvimento de seu transtorno alimentar<sup>26</sup>. Lacie menciona que sempre desejou ser como sua suposta amiga, mesmo que seus “biotipos” fossem diferentes. A dinâmica relacional baseava-se na submissão de Lacie e quando Naomi ascende socialmente, ela a descarta por novas amizades.

<sup>26</sup> É provável que o transtorno alimentar de Lacie estivesse relacionado à bulimia nervosa (APA, 2014), dado que o relato sugere comportamentos compensatórios, como indução de vômitos, a fim de evitar ganho de peso. Dado que Lacie não demonstrou sintomas evidentes ao longo da trama, além de sua rotina de exercícios físicos matinais, é possível que o transtorno estivesse em remissão completa ou parcial.

Lacie: “E ela ficava comigo... segurando meu cabelo... enquanto eu me ajoelhava pra vomitar na privada. Obrigada, por isso, Naomi. Eu sempre quis ser você. E... acho que foi por isso que você me aguentou por tanto tempo. Até arrumar o seu novo emprego e seus novos amigos chiques. [...]”  
(Queda Livre, 2016, 54:44-55:27).

As cenas mostram que a média de Lacie estava despencando para além de 0.6 pontos. Os convidados tentam interromper seu discurso, mas ela pega uma faca e a aponta na direção deles. Os seguranças entram em ação enquanto Lacie persiste em expressar suas “verdades” até que uma das convidadas a derruba.

Mesmo caída no chão, Lacie continua a discursar, revelando que a relação entre as duas começou quando tinham apenas 5 anos de idade. O ursinho de pelúcia Rabicho, costurado por elas naquela época, sempre presente em sua mesa de escritório, era um lembrete constante de quem Lacie ambicionava ser: Naomi. Nos últimos instantes dessa cena, Lacie é arrastada pelos seguranças enquanto grita que “ama” Naomi ou, talvez, o modelo idealizado que ela criou para representar a amiga.

Lacie: “A menina que quando a gente tinha só 5 anos no acampamento, puxou conversa comigo porque viu que eu estava com medo, e me ajudou a fazer o Rabicho. Ele me lembra de você, e do que você significava pra mim, e é uma honra estar aqui pra ver essa MERDA!”  
Lacie: “Eu te amo Nay-Nay! Eu sempre te amei! Eu te amo!” [gritando]  
(Queda Livre, 2016, 56:37-57:08).

A esta altura, o plano de ação intencional de Lacie havia sido completamente destruído pela realidade (figura 48). Todas as suas (sub)metas foram (hetero)inconciliadas: ela não participou do casamento como madrinha, mas como penetra; não obteve avaliações positivas das pessoas com médias altas, mas negativas; sua média não aumentou para 4.5, mas despencou abaixo de 0.6 pontos. Definitivamente, ela não participaria do programa de influenciadores *prime* e muitos menos alugaria a casa. Tudo despencava em *queda livre*.

Figura 48 – Resultado do plano de ação intencional de Lacie

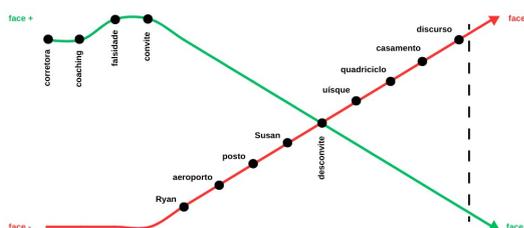
- |   |
|---|
| <p>–M’ – Lacie não participou como madrinha do casamento de Naomi<br/>         –N’ – Lacie não obteve avaliações positivas de pessoas com médias altas<br/>         –O’ – Lacie não aumentou média para 4.5 pontos<br/>         –P’ – Lacie não participará do programa de influenciadores <i>prime</i><br/>         –Q’ – Lacie não alugará casa nas condições do programa de influenciadores <i>prime</i></p> |
|---|

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O plano de ação intencional de Lacie foi sendo construído desde o primeiro contato com a corretora de imóveis, quando expressou seu interesse por alugar uma casa no condomínio *Pelican Cove*. Em seguida, ela consulta um *coaching* para traçar estratégias para aumentar a média. Com o convite de Naomi, Lacie elaborara um plano sustentado por um intenso trabalho de sua face positiva.

Ryan serviu como primeiro contraponto de realidade, e Lacie não se importou em brigar com ele antes de sair para o casamento. No aeroporto, ela não consegue esconder sua raiva diante do cancelamento do voo. No posto de abastecimento, o descaso do atendente quase fez com que ela perdesse a linha. Susan serve como segundo contraponto e é um dos poucos momentos que Lacie é autêntica. Contudo, é quando Naomi a desconvida que Lacie atinge seu limite e começa a deixar fluir suas emoções. Alcoolizada, Lacie age temerariamente, pede emprestada um quadriciclo de um desconhecido, invade o casamento de Naomi e, por fim, faz um discurso repleto de suas verdades (figura 49).

Figura 49 – Face positiva versus face negativa



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como a sociedade distópica de *Queda Livre* não tolera exhibições de autenticidade, Lacie será exemplarmente punida. Na próxima cena, Lacie é levada à delegacia para fazer uma identificação fotográfica, deixando o ursinho de pelúcia Rabicho em uma caixa. Em seguida, suas lentes de contato são removidas por uma máquina, deixando-a livre da rede social. Numa cela de prisão com vidros transparentes, Lacie tira a última peça de roupa em tom pastel que a conectava à sociedade exterior: um momento em que ela não teve mais vergonha de mostrar o próprio corpo. Enquanto se despe, ela percebe, talvez pela primeira vez, partículas de poeira no ar. Essa descoberta a emociona a tal ponto que um sorriso genuinamente sincero irrompe em seu rosto (figura 50).

Nesse instante, ela percebe que um homem a observa da cela em frente. De forma automática, como se ainda estivesse usando seu *smartphone*, ela desliza o dedo pelo ar, numa tentativa vã de lhe dar uma avaliação negativa. Em vez disso, Lacie acaba se envolvendo em um diálogo que culmina com uma troca intensa de insultos.

Figura 50 – Lacie se encanta com poeiras em suspensão na cela de prisão



Fonte: Queda Livre (2016).

Lacie: “Que porra você tá olhando?”  
 Homem: “Eu que te pergunto isso.”  
 Lacie: “Bom... pode parar!”  
 Homem: “De que? De ser curioso?”  
 Lacie: “Aham!”  
 Homem: “Seria um mundo triste sem curiosidade.”  
 Lacie: “Eu tô cagando pro seu mundo.”  
 [trocam “insultos”]  
 Lacie e homem: “Vai se fuder! [ao mesmo tempo]”  
 (Queda Livre, 2016, 59:53-01:01:30).

No desfecho desse diálogo e do episódio, Lacie e o homem gritam simultaneamente um sonoro “Vai se fuder!”. Não se trata de xingamento, mas de catarse: uma liberação apoteótica de sua raiva interior há muito tempo acumulada (figura 51).

Figura 51 – Interação de Lacie com o homem na prisão



Fonte: Queda Livre (2016).

O fim do episódio deixa aberto o destino de Lacie. Assumirá sua face negativa? Retornará ao sistema? Certo, contudo, é que estar em queda livre afetou suas cognições. Fisicamente presa, emocionalmente liberta, há, pelo menos agora, opções.

## 4 CONCLUSÃO

*Queda Livre*, episódio da série *Black Mirror* de 2016, retrata de forma caricata como as pessoas lidam com o gerenciamento de sua imagem pública em interações presenciais e virtuais que se mesclam e se confundem. Lacie Pound fornece um exemplo estereotipado de como essa sociedade distópica espera que seus habitantes se comportem. Como as demais pessoas, seus comportamentos precisam ser bem avaliados numa rede social ubíqua e onipresente para que ela tenha acesso a bens materiais a partir dos quais imagina ser feliz. Fato é que o sistema de pontuação dessa rede estratifica os indivíduos, forçando-os a se comportar de forma artificialmente agradável para alcançar *status* mais elevados. Nesse contexto, analisou-se neste estudo o trabalho de face da protagonista no episódio, mobilizando conceitos da terapia cognitivo-comportamental no campo da psicologia e das teorias da relevância e de conciliação de metas no campo da pragmática-cognitiva em linguística.

A análise seguiu a perspectiva da personagem, de modo a examinar, nos termos da teoria de conciliação de metas, suas (sub)metas e respectivos planos de ação intencionais. Essa abordagem permitiu compreender como os planos de Lacie foram elaborados conforme interesses pessoais e limites sociais e como foram reiteradamente inconciliados na sua jornada em direção ao casamento de Naomi. A teoria da relevância viabilizou descrever e explicar os processos ostensivo-inferenciais nos diálogos da personagem. Ademais, auxiliou na formulação de hipóteses sobre suas cognições, levando em consideração os aspectos contextuais do episódio.

As ferramentas da terapia cognitivo-comportamental, por sua vez, permitiram levantar hipóteses sobre as cognições da personagem ao longo do episódio. A propósito, o estudo sugere potencialidades da aplicação da teoria na análise de obras audiovisuais, fornecendo oportunidades para terapeutas estudarem comportamentos de personagens com problemas semelhantes àqueles encontrados na clínica. Ainda que não se encoraje o psicólogo cognitivo a assumir quais são as cognições do paciente, as ferramentas foram úteis para propor hipóteses sobre esses comportamentos que, preservando o empirismo colaborativo, seriam confirmadas ou descartadas no trabalho clínico. Ademais, viabilizou reflexões importantes sobre sofrimentos psíquicos relacionados com o uso da internet e das redes sociais em geral e com o gerenciamento de face em particular.

A partir do convite para ser madrinha de casamento, Lacie viu a oportunidade perfeita para alcançar o sonho de alugar uma casa no desejado condomínio *Pelican Cove*. No

entanto, ao contrário do que planejara, antes que colaborativas, as demais pessoas trataram-na com indiferença e crueldade. O desconvite de Naomi é o momento de inflexão do enredo. Ele enfraquece a convicção de sucesso de seu plano e faz emergir comportamentos autênticos, ainda que contraditórios.

Ademais, seu pressuposto condicional (crença intermediária) “se eu conseguir uma média alta, então vou ser perfeita o bastante [para ser feliz]” enfraquece diante da impossibilidade de participar do casamento. Para Lacie, alugar a casa promoveria a desejada felicidade que ela atribuía aos outros, como Naomi, quando visitava seus perfis na rede social. Contudo, como Lacie, os demais usuários editam perfis e se apresentam de maneira conveniente para os padrões daquela sociedade, replicando o que se faz na sociedade objetiva. Assim como fingia ser quem não era, os demais poderiam estar fazendo o mesmo num círculo vicioso disfuncional.

Em terapia cognitivo-comportamental, crenças podem ser classificadas como funcionais ou disfuncionais conforme se revelem ou não adaptativas. Todavia, essas noções precisam ser relativizadas no mundo distópico de *Queda Livre*, pois as pessoas precisam se submeter ao sistema de pontuação para serem funcionais nessa sociedade às custas da hipertrofia de sua face positiva e hipotrofia de sua face negativa. Visto que as pessoas que não se comportam como esperado são sumariamente punidas de modo muito semelhante com a forma como os julgamentos das redes sociais acontecem no mundo externo (cancelamentos, por exemplo), é útil pensar nessas distorções para além desse espelho negro.

No episódio, Lacie tinha uma vida estável, mas tudo mudou quando ela precisou procurar outro lugar para morar. Até então, ela estava perfeitamente integrada aos valores de uma sociedade organizada em torno do sistema de pontuação da rede social, comportando-se, portanto, “funcionalmente”, ainda que estivesse descontente com sua situação atual e almejasse um padrão de vida melhor.

A partir do momento em que Lacie se engaja num plano ousado, artificial e estressante de aumento de média, as coisas desandam. Seu *coaching* de rede social alertara, “Seja você mesma. Eles sentem o cheiro de longe.”, referindo-se ao modo como pessoas com médias altas percebiam oportunistas. Estressada, a briga com o irmão começa a produzir efeitos que culminam com sucessivas avaliações negativas que se incrementam durante a jornada ao casamento de Naomi. Essas reiteradas avaliações ruins dificultam a manutenção da sua face positiva. Suas emoções afloram, algo inaceitável naquela sociedade, e a raiva passa a ser companheira indesejável no contexto de tantas experiências frustrantes. As reações de Lacie são agora vistas como disfuncionais para aquela sociedade e para si mesma, pois ela

não sabe mais como “Lacie” deve ser ou se comportar. Partindo desse contexto, os indivíduos mais funcionais ou adaptados em *Queda Livre* são aqueles que conseguem manter uma média alta na rede social, às custas de quaisquer sofrimentos que acompanhem esse intento.

Com a hipótese das cognições da personagem, especialmente em relação às suas crenças centrais que compõem a tríade cognitiva, foi possível observar como o trabalho de face de Lacie, prevalentemente focado em fornecer uma face positiva aos outros, gradualmente cedeu espaço para comportamentos emocionalmente mais autênticos ligadas à sua face negativa.

Em *Queda Livre*, reitere-se, qualquer manifestação da face negativa, que essencialmente preserva o direito de liberdade de expressão, era punida com avaliações negativas. Assim, a imagem de Lacie se tornou tão negativa que a sociedade teve de excluí-la. Enviada para a prisão, ironicamente, ela experimenta suas primeiras sensações de liberdade, principalmente emocionais. No início do episódio, Lacie ensaia sorrisos falsos, que agora dão lugar a um sorriso genuíno carregado de emoções até então reprimidas.

Lacie não se vê como perfeita o bastante para ser feliz e, provavelmente, amada. Quando a autoimagem se fundamenta em modelos idealizados de perfeição, é fácil sentir-se inadequado ou inferior. Além disso, comparar-se com outras pessoas nas redes sociais pode levar a sensações de insuficiência e de baixa autoestima. Vale lembrar que a autoimagem não se resume à aparência física. É comum que as pessoas se comparem com outras nas redes sociais em relação a aspectos como vida profissional, viagens e conquistas materiais. No entanto, o que é compartilhado nas redes sociais nem sempre reflete a realidade. Há muitos aspectos da vida de uma pessoa que não são visíveis nessas plataformas.

Essas cognições refletiam-se também na sua interação com a rede social. Ela postava apenas coisas que agradassem aos demais usuários para evitar ser rejeitada e receber avaliações negativas. Contudo, a gestão constante dessa face positiva é muito desgastante e, eventualmente, levou a uma perda de controle e a um colapso emocional. Em outras palavras, a obsessão de Lacie com sua imagem pública positiva é insustentável a longo prazo.

Enfim, Lacie é uma personagem que ilustra a importância de equilibrar aspectos de face positiva e negativa em direção à promoção de comportamentos mais autênticos e a evitação de comportamentos aprisionados a expectativas sociais. O episódio exacerba aspectos disfuncionais opressivos que as redes sociais podem exercer, gerando comportamentos egoístas, insensíveis e cruéis disfarçados de assépticos. Não sem razão, Lacie se encanta com poeira em suspensão na cela, livre que podia ficar dessa limpeza onipresente, e um sorriso autêntico pode, finalmente, emergir.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Cristiano Nabuco de; GUILHARDI, Hélio José (org.). **Terapia comportamental e cognitivo-comportamental: práticas clínicas**. São Paulo: Roca, 2004.
- ALMEIDA, Aisha Duana Lira. **Redes sociais como fortalecedores de crenças negativas em usuários jovens**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário de João Pessoa, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.up.edu.br/jspui/handle/123456789/1760>. Acesso em: 30 maio 2023.
- APA (American Psychiatric Association). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5** [recurso eletrônico]. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BARROS, José d'Assunção. Revolução digital, sociedade digital e História. *In.*: BARROS, José d'Assunção (org.). **História Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo** [recurso eletrônico]. Petrópolis: Vozes, 2022. cap. 1.
- BECK, Aaron T.; ALFORD, Brad A. **O poder integrador da terapia cognitiva**. Tradução de Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- BECK, Aaron T. *et al.* **Terapia cognitiva da depressão**. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BECK, Aaron T. Thinking and depression: I. Idiosyncratic content and cognitive distortions. **Archives of General Psychiatry**, v. 9, n. 4, p. 324-333, out. 1963. DOI: 10.1001/archpsyc.1963.01720160014002.
- BECK, Aaron T. Thinking and depression: II. Theory and therapy. **Archives of General Psychiatry**, v. 10, n. 6, p. 561-571, jun. 1964. DOI: 10.1001/archpsyc.1964.01720240015003.
- BECK INSTITUTE. **The Beck Institute for Cognitive Behavior Therapy**. Bala Cynwyd, PA: 2022. Disponível em: <https://beckinstitute.org/>. Acesso em: 30 maio 2023.
- BECK, Judith S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática**. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- BECK, Judith S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática** [recurso eletrônico]. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

BEZ, Andréia da Silva. **Conciliação de metas, relevância e reestruturação cognitiva de crenças intermediárias**. 2016. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2016. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/3435>. Acesso em: 30 maio 2023.

BLACK MIRROR, Nosedive Featurette [HD], Netflix. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (58 s). Publicado pelo canal Netflix. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R32qWdOWrTo>. Acesso em: 30 maio 2023.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CARDOSO, Bruno Luiz Avelino; BARLETTA, Janaína Bianca (org.). **Terapias cognitivo-comportamentais: analisando teoria e prática por meio de filmes**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2018.

CASTELLS, Manuel. Abertura: a rede é a mensagem. In: CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 7-14.

DISTOPIA. In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [S. l.]: Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/distopia/>. Acesso em: 30 maio 2023.

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior**. Chicago: Aldine, 1967.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

HAYES, Steven C. Acceptance and commitment therapy, relational frame theory, and the third wave of behavioral and cognitive therapies. **Behavior Therapy**, v. 35, n. 4, p. 639-665, 2004. DOI: 10.1016/S0005-7894(04)80013-3.

HOFMANN, Stefan G. **Introdução à terapia cognitivo-comportamental contemporânea [recurso eletrônico]**. Tradução de Régis Pizzato. Porto Alegre: Artmed, 2014.

LEMOS, Igor Lins; ABREU, Cristiano Nabuco de; SOUGEY, Everton Botelho. Internet and video game addictions: a cognitive behavioral approach. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 41, n. 3, p. 82-88, jul. 2014. DOI: 10.1590/0101-60830000000016.

LUCIANO, Suelen Francez Machado. **Relevância e conciliação de metas**: adequação lógica e plausibilidade empírica. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2014. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/3192>. Acesso em: 30 maio 2023.

MATRIX. Direção: Lilly Wachowski e Lana Wachowski. [S. l.]: Warner Bros. Entertainment, 1999.

MORRIS, Alexandra. **A web of distortion**: how internet use is related to cognitive distortion, personality traits, and relationship dissatisfaction. 2011. Dissertação (Doutorado em Psicologia) – Philadelphia College of Osteopathic Medicine, Philadelphia, 2011. Disponível em: [https://digitalcommons.pcom.edu/psychology\\_dissertations/191/](https://digitalcommons.pcom.edu/psychology_dissertations/191/). Acesso em: 30 maio 2023.

QUEDA LIVRE [NOSEDIVE]. Direção: Joe Wright. [S. l.]: Netflix, 2016.

RAUEN, Fábio José. Como a teoria de conciliação de metas descreve e explica um pedido de informação. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa (PR), v. 10, p. 1-17, 2021. DOI: 10.5212/MuitasVozes.v.10.2119678.

RAUEN, Fábio José. For a goal-conciliation theory: ante-factual abductive hypotheses and proactive modelling. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão (SC), v. 14, n. 3, p. 595-615, set./dez. 2014. DOI: 10.1590/1982-4017-140309-0914.

RAUEN, Fábio José. Hipóteses abduativas antefactuais e modelação proativa de metas. **Signo**, Santa Cruz do Sul (RS), v. 38, n. 65, p. 188-204, jul./dez. 2013. DOI: 10.17058/signo.v38i65.4565.

RAUEN, Fábio José. Intenção e conciliação de metas. **Percursos Linguísticos**, Vitória (ES), v. 10, n. 26, p. 24-48, 2020. DOI: 10.47456/pl.v10i26.32867.

RAUEN, Fábio José. Por uma modelação abduativo-dedutiva de interações comunicativas. *In*: TENUTA, Adriana Maria; COELHO, Sueli Maria (org.). **Uma abordagem cognitiva da linguagem**: perspectivas teóricas e descritivas [recurso eletrônico]. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018. p. 13-29.

RECUERO, Raquel. Atos de ameaça a face e a conversação em redes sociais na internet. *In*: PRIMO, Alex. **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 51-70.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SILVEIRA, Jane Rita Caetano da; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Pragmática cognitiva: a teoria da relevância** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Edipucrs, 2015.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. Posfácio da edição de 1995 de “relevância”: comunicação & cognição. Tradução de Fábio José Rauen e Jane Rita Caetano da Silveira. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão (SC), v. 5, n. esp., p. 171-219, 2005. Disponível em: [https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/286](https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/286). Acesso em: 30 maio 2023.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. **Relevance: communication and cognition**. 2nd. ed. Oxford: Blackwell, 1995.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. **Relevance: communication and cognition**. Oxford: Blackwell, 1986.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. **Relevância: comunicação e cognição**. Tradução de Helen Santos Alves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

STATISTA. **Number of internet and social media users worldwide as of January 2023**. [S. l.]: Statista, 2023. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/617136/digital-population-worldwide/>. Acesso em: 30 maio 2023.

WILSON, Deirdre. **Pragmatic Theory**. Tradução livre de Fábio José Rauen. London: UCL Linguistics Dept, 2004. Disponível em: [https://www.phon.ucl.ac.uk/home/relevance/relevance\\_archives/0763.html](https://www.phon.ucl.ac.uk/home/relevance/relevance_archives/0763.html). Acesso em: 30 maio 2023.

WILSON, Deirdre; SPERBER, Dan. Teoria da Relevância. Tradução de Fábio José Rauen e Jane Rita Caetano da Silveira. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão (SC), v. 5, n. esp., p. 221-268, 2005. Disponível em: [https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/287](https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/287). Acesso em: 30 maio 2023.

WRIGHT, Jesse H. *et al.* **Aprendendo a terapia cognitivo-comportamental: um guia ilustrado** [recurso eletrônico]. Tradução de Mônica Giglio Armando. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

YOUNG, Kimberly S.; ABREU, Cristiano Nabuco de (org.). **Dependência de internet: manual e guia de avaliação e tratamento**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2011.